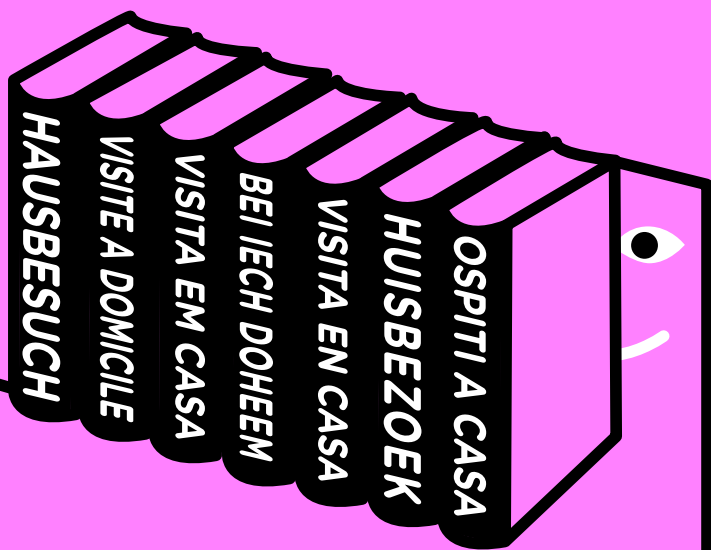


Gonçalo M. Tavares



GOETHE
INSTITUT

FROHMANN

Die Reihe HAUSBESUCH
wird vom Goethe-Institut herausgegeben.

Quatro banquetes (Europa)
Vier Festmahle (Europa)
Cuatro banquetes (Europa)
Quatre banquets (Europe)
Quattro Banchetti (Europa)
Vier banketten (Europa)

Gonçalo M. Tavares

Índice
Inhalt
Índice
Table des matières
Indice
Inhoud

Prefácio.....	6
Vorwort.....	8
Prólogo.....	10
Avant-propos.....	12
Prefazione.....	14
Voorwoord.....	16
Obrigado / Danke / Gracias / Merci / Grazie / Dank.....	18

Quatro banquetes (Europa)	
Visita em Casa Frankfurt am Main · Luxemburgo.....	22
Vier Festmahle (Europa)	
Hausbesuch Frankfurt am Main · Luxemburg.....	42
Cuatro banquetes (Europa)	
Visita en casa Fráncfort del Meno · Luxemburgo.....	64
Quatre banquets (Europe)	
Visite à domicile Francfort-sur-le-Main · Luxembourg.....	84
Quattro Banchetti (Europa)	
Ospiti a casa Francoforte sul Meno · Lussemburgo....	104
Vier banketten (Europa)	
Huisbezoek Frankfurt am Main · Luxemburg.....	124
Apêndice / Anhang / Apêndice / Appendice /	
Appendice / Addendum.....	144
Gonçalo M. Tavares.....	146
Goethe-Institut.....	152
Frohmann Verlag.....	158
Aviso legal / Impressum / Aviso legal /	
Mentions légales / Colophon / Colofon.....	165

Prefácio

NO DEBATE PROLONGADO acerca da chamada crise europeia, tem-se referido repetidamente a necessidade de uma narrativa da Europa no seu conjunto: uma história que suscite o entusiasmo pelo projecto comum, que lhe confira uma forma convincente e uma identidade contemporânea.

Contudo, até hoje falta uma narrativa europeia desta natureza – e raramente pareceu tão incerto se algum dia ela existirá, por muito que nos pareça imperiosa.

Com o projecto *Hausbesuch* escolhemos um caminho diferente: o do encontro literário com diferentes realidades de vida na Europa.

Durante sete meses, o projecto da iniciativa do Goethe-Institut levou dez autoras e autores conhecidos, vindos de Portugal, Espanha, França, Luxemburgo, Bélgica, Itália e Alemanha, para encontros com pessoas comuns. Quarenta anfitriões em dezassete cidades onde existe um Goethe-Institut – desde uma casa partilhada por artistas de tatuagem no Porto, passando por adeptos de futebol em Freiburg, até um comerciante de artigos religiosos em Palermo – abriram as suas portas para receber uma escritora ou um escritor que, por seu turno, converteram as suas impressões em textos.

Surgiram assim dez miniaturas literárias: Katja Lange-Müller esboça os seus encontros num bar surrealista em Bruxelas, Michela Murgia revive em Marselha os efeitos de

uma meia-final entre a Alemanha e a França no Campeonato Europeu de Futebol, Marie Darrieussecq pergunta-se por que razão encontra uma Pizzeria Napoli em Dresden, mas em contrapartida, na viagem a Nápoles, não encontra nenhum restaurante com Dresden no nome.

Serão a serão, história a história, vão surgindo, através dos olhares de escritores sobre pedaços da vida de pessoas comuns, instantâneos sobre a Europa – e, com isso, uma narrativa que se desenvolve a partir de encontros verdadeiros em vez de sobrevoar o espaço europeu.

Reproduzimos intencionalmente as histórias nas línguas dos sete países das autoras e autores, bem como dos anfitriões que participaram no projecto. Cada um dos textos pode, deste modo, continuar a viagem europeia que lhe deu origem. Com as possibilidades técnicas que o *e-book* oferece, poderá o leitor associar-se a esta viagem – e mergulhar na narrativa europeia em diversas línguas.

As histórias deste projecto começarão a ser publicadas individualmente pela Editora Frohmann. A edição completa, em seis línguas, será publicada em Março de 2017, por ocasião da Feira do Livro de Leipzig.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
Novembro de 2016

Vorwort

IN DER ANHALTENDEN DISKUSSION um die sogenannte Krise in Europa wird immer wieder auf die Notwendigkeit eines gesamteuropäischen Narrativs verwiesen: eine Geschichte, die für das gemeinsame Projekt begeistert, ihm eine überzeugende Form und zeitgemäße Identität verleiht.

Eine solch allumfassende Erzählung steht allerdings bis heute aus – und selten schien es ungewisser, ob es sie, so dringlich sie uns auch erscheint, überhaupt je geben wird.

Mit *Hausbesuch* wählen wir einen anderen Weg: den über die literarische Begegnung mit einzelnen Lebenswirklichkeiten in Europa.

Über sieben Monate hinweg brachte das vom Goethe-Institut initiierte Projekt zehn bekannte Autorinnen und Autoren aus den Ländern Portugal, Spanien, Frankreich, Luxemburg, Belgien, Italien und Deutschland mit Privatleuten ins Gespräch. In siebzehn Städten mit lokalem Goethe-Institut öffneten vierzig Gastgeber – von einer WG von Tattoo-Künstlern in Porto über Fußballfans in Freiburg bis zu einem Devotionalienhändler in Palermo – ihre Tür, um eine Autorin oder einen Autor zu empfangen, die dann ihrerseits ihre Eindrücke zu Texten verarbeiteten.

So sind zehn literarische Miniaturen entstanden: Katja Lange-Müller skizziert ihre nächtlichen Begegnungen in einer surrealistischen Kneipe in Brüssel, Michela Murgia erlebt

in Marseille die Auswirkungen eines deutsch-französischen Halbfinals der Fußball-Europameisterschaft, Marie Darrieussecq stellt sich die Frage, warum sie in Dresden eine Pizzeria Napoli findet, bei ihrer Reise in Neapel hingegen kein Restaurant, das nach Dresden benannt ist.

Abend für Abend, Erzählung für Erzählung, entsteht so, über den Einblick ins Private, eine Momentaufnahme von Europa – und damit ein Narrativ, das sich aus der Tiefe des Raumes entfaltet, statt über ihn hinweg.

Die Erzählungen geben wir bewusst in den Sprachen der sieben an dem Projekt beteiligten Herkunftsländer der Autorinnen und Autoren sowie deren Gastgeber wieder. Jeder Text kann auf diese Weise die europäische Reise, der er seine Herkunft verdankt, fortsetzen. Mit den technischen Möglichkeiten, die ein E-Book bietet, kann sich der Leser dieser Reise anschließen – und in unterschiedlichen Sprachen in eine europäische Erzählung eintauchen.

Im Frohmann Verlag erscheinen die Erzählungen des Projekts zunächst als Einzelausgaben. Die sechssprachige Gesamtausgabe erscheint im März 2017 anlässlich der Leipziger Buchmesse.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
November 2016

Prólogo

EN EL PERENNE DEBATE sobre la crisis europea, el argumento de la necesidad de contar con una narrativa europea colectiva es inevitable: una historia capaz de entusiasmar a toda la comunidad, que dote al proyecto europeo de una forma convincente y que le confiera una identidad actual.

Este relato universal es, actualmente, inexistente. De hecho, pocas veces como hoy ha parecido tan incierto que, a pesar de su aparente urgencia, dicho relato jamás llegue a concretarse.

Con la iniciativa *Hausbesuch*, hemos optado por otro camino: el de los encuentros literarios con realidades cotidianas e individuales por toda Europa.

A lo largo de siete meses, el proyecto impulsado por el Goethe-Institut ha invitado a diez escritores reconocidos de Portugal, España, Francia, Luxemburgo, Bélgica, Italia y Alemania a encontrarse con ciudadanos de estos países. Cuarenta anfitriones —desde un tatuador de Oporto que comparte piso, hasta un vendedor de objetos religiosos de Palermo, pasando por un grupo de fanáticos del fútbol de Friburgo— de un total de diecisiete ciudades que cuentan con sedes del Goethe-Institut abrieron las puertas de su casa para recibir a alguno de los escritores participantes en el proyecto, quienes a posteriori plasmaron las experiencias vividas en textos de creación propia.

El resultado fueron diez miniaturas literarias: Katja Lange-Müller relata su experiencia nocturna en un bar surrealista de Bruselas, Michela Murgia comparte cómo vivió en Marsella las consecuencias de la semifinal de la Eurocopa entre Francia y Alemania, y Marie Darrieussecq se pregunta por qué encuentra en Dresde una pizzería llamada Napoli y, en cambio, en Nápoles no encuentra ningún restaurante que deba su nombre a Dresde.

Noche tras noche, historia tras historia, va surgiendo, por sobre las estampas de vidas privadas, una instantánea de Europa y, con ella, una narración que se despliega desde el fondo del espacio, en vez de atravesarlo.

Nuestro propósito es poner todos los relatos a disposición de los lectores en los idiomas de los siete países de origen de los autores y anfitriones que han participado en el proyecto. De este modo, cada texto podrá dar continuidad al viaje europeo que se debe, en cada caso, a su origen. Gracias a las posibilidades técnicas que ofrece el libro electrónico, el lector tendrá la oportunidad de embarcarse en el viaje y de sumergirse en un relato europeo multilingüe.

La editorial Frohmann publicará inicialmente los relatos del proyecto como volúmenes independientes. La edición completa de la obras, en seis idiomas, verá la luz en marzo de 2017, coincidiendo con la Feria del Libro de Leipzig.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
Noviembre de 2016

Avant-propos

DANS LES DISCUSSIONS PERMANENTES sur ce que l'on appelle la crise européenne, il est toujours fait allusion à la nécessité d'écrire un récit pour l'Europe : écrire une histoire porteuse d'enthousiasme, de conviction et donnant une identité moderne à ce projet commun.

Un tel récit n'existe pas encore et jamais – bien que de plus en plus urgent – il n'a semblé plus incertain qu'il existe un jour.

Avec *Hausbesuch*, une autre voie a été choisie : celle de la rencontre littéraire avec différentes réalités de la vie en Europe.

Pendant plus de sept mois, ce projet du Goethe-Institut a mis en contact dix écrivains connus, de sept pays différents (Allemagne, Belgique, Espagne, France, Italie, Luxembourg, Portugal) avec des personnes, dans l'intimité de leur foyer. Dans dix-sept villes européennes où est implanté un Goethe-Institut, ils ont été accueillis aux domiciles d'une quarantaine d'hôtes, que ce soient des artistes tatoueurs à Porto, un spécialiste d'articles religieux à Palerme ou des fans de football à Fribourg. Il revenait ensuite aux écrivains de raconter par l'écriture les expériences qu'ils avaient vécues.

C'est ainsi que dix miniatures littéraires ont vu le jour : Katja Lange-Müller nous emmène avec elle lors de ses rencontres nocturnes dans un bar surréaliste de Bruxelles ;

Michela Murgia découvre à Marseille – un des lieux de l'Euro de football 2016 – l'atmosphère de la demi-finale France-Allemagne ; Marie Darrieussecq se demande pourquoi elle a trouvé à Dresde une pizzeria appelée Napoli mais aucun restaurant à Naples s'appelant Dresden.

Soir après soir, histoire après histoire, lieu après lieu, un instantané de l'Europe se dessine à travers les bribes de vie privée entrevues par les écrivains : plutôt qu'un discours pliqué sur l'Europe, l'histoire de véritables rencontres.

Les récits sont publiés dans la langue des auteurs et des participants au projet. Ces textes prolongent ainsi le voyage européen au cours duquel ils ont pu voir le jour. Grâce aux possibilités offertes par la technique de l'e-book, chaque lecteur peut s'associer au voyage et se plonger dans un récit européen dans différentes langues.

Chacune de ces histoires fait l'objet d'un e-book. L'édition complète en six langues paraîtra chez Frohmann en mars 2017 à l'occasion de la Foire du livre de Leipzig.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
Novembre 2016

Prefazione

NELL'INCESSANTE DISCUSSIONE sulla cosiddetta crisi dell'Europa si insiste sulla necessità di avere una narrazione comune europea: una storia che crei entusiasmo per il progetto comune e gli conferisca una fisionomia convincente e contemporanea.

Eppure questo racconto, globale e comune, ancora non c'è: e mai come adesso, malgrado la sua urgenza, si è consapevoli di quanto sia incerta la possibilità di poterlo realizzare.

Con il nostro *Hausbesuch* abbiamo scelto una strada alternativa: quella dell'incontro letterario con singole realtà di vita vissuta in Europa.

Per sette mesi, il progetto avviato dal Goethe-Institut ha permesso a dieci autrici e autori noti – provenienti dal Portogallo, dalla Spagna, dalla Francia, dal Lussemburgo, dal Belgio, dall'Italia e dalla Germania – di incontrare e parlare con molti privati cittadini. Quaranta padroni di casa (tanto per fare un esempio: una comune abitativa di artisti tatuatori a Porto, dei tifosi di calcio a Friburgo o un venditore di oggetti sacri a Palermo) in diciassette città in cui è presente un Goethe-Institut, hanno aperto le loro porte di casa a un'autrice o un autore che, a sua volta, ha messo le proprie impressioni nero su bianco.

Così si sono delineate dieci miniature letterarie: Katja Lange-Müller ha abbozzato i suoi incontri notturni in un locale

surrealista di Bruxelles, Michela Murgia ha vissuto a Marsiglia il dopopartita di una semifinale degli Europei di calcio fra la Germania e la Francia, Marie Darrieussecq si è chiesta invece perché a Dresda c'è una Pizzeria Napoli mentre a Napoli non esiste alcun Ristorante Dresda.

Serata dopo serata, racconto dopo racconto, lo sguardo nella sfera privata consente di scattare un'istantanea dell'Europa: e con ciò di suggerire una narrazione che si manifesti dalla profondità dello spazio vissuto senza sovrastarlo.

Proponiamo volutamente i racconti nelle lingue dei sette Paesi d'origine delle autrici e degli autori partecipanti al progetto nonché dei loro padroni di casa. Così facendo, ogni testo può proseguire il viaggio europeo del paese d'origine nei confronti del quale è debitore. Le potenzialità tecnologiche offerte dall'E-Book consentono al lettore di partecipare al viaggio e di immergersi in una narrazione europea attraverso le varie lingue.

L'editrice Frohmann ha deciso di pubblicare inizialmente i racconti singolarmente, mentre a marzo 2017, in occasione della Fiera del Libro di Lipsia, pubblicherà l'antologia completa in sei lingue.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
Novembre 2016

Voorwoord

IN DE AANHOUDENDE DISCUSSIE over de zogenaamde crisis in Europa wordt steeds weer gewezen op de nood aan een gezamenlijk Europees verhaal: een verhaal dat mensen enthousiast maakt voor het gemeenschappelijke project, een verhaal dat dit project een overtuigende vorm en een moderne identiteit geeft.

Maar een dergelijk alomvattend verhaal is er vooralsnog niet – en hoe dringend het ook lijkt, zelden leek het minder zeker of het er ooit zal zijn.

Met *Hausbesuch* kiezen wij voor een andere weg: die van de literaire ontmoeting met unieke mensen en hun manier van leven in Europa.

Dit project, een initiatief van het Goethe-Institut, bracht over een periode van zeven maanden tien bekende schrijfsters en schrijvers uit Portugal, Spanje, Frankrijk, Luxemburg, België, Italië en Duitsland met mensen in gesprek. In zeventien steden met een plaatselijk Goethe-Institut stelden veertig gastvrouwen en gastheren – gaande van een woongemeenschap van tattoo kunstenaars in Porto, over voetbalfans in Freiburg, tot een verkoper van religieuze voorwerpen in Palermo – hun deuren open om een auteur te ontvangen, die vervolgens zijn of haar indrukken in teksten verwerkte.

Op die manier ontstonden tien literaire miniaturen: Katja Lange-Müller schetst haar nachtelijke ontmoetingen in een

surrealistische kroeg in Brussel, Michela Murgia beleeft in Marseille de impact van een Duits-Franse halve finale op het EK voetbal, Marie Darrieussecq vraagt zich af waarom ze in Dresden wel een Pizzeria Napoli vindt, maar op reis in Napels geen restaurant dat naar Dresden vernoemd is ...

Door binnen te kijken in het privéleven van mensen ontstaat er, avond na avond en verhaal na verhaal, een momentopname van Europa – en daarmee een verhaal dat zich vanuit de diepte ontvouwt.

We brengen de verhalen bewust in de talen van de zeven landen waar de auteurs en hun gastvrouwen en -heren vandaan komen. Zo kan elke tekst de Europese reis voortzetten waaraan hij zijn bestaan te danken heeft. Dankzij de technische mogelijkheden van een e-boek kan de lezer zich bij die reis aansluiten en zich in diverse talen in het Europese verhaal verdiepen.

Bij Frohmann Verlag verschijnen de verhalen van dit project voorlopig als afzonderlijke uitgaven. De zestalige verzameling verschijnt in maart 2017 naar aanleiding van de boekenbeurs van Leipzig.

NICOLAS EHLER
Goethe-Institut Nancy
November 2016

**Obrigado
Danke
Gracias
Merci
Grazie
Dank**

ANFITRIÕES E ANFITRIÃS / GASTGEBERINNEN UND
GASTGEBER / ANFITRIONES / HÔTES / PADRONI DI
CASA / GASTVROUWEN EN GASTHEREN

Graziella Abate, Rosanna Basile, Anna Patrucco Becchi,
Sylvia Binger, Gisela Bonz, Marieke Brehm, Sergio Alegre
Calero, Eric Carstensen, Paola Chirico, Comune di Sori,
Sonia Da Silva, Michel De Rouck, Malika Dussart, Donata
Elschenbroich, Freiburger Essenstreff, Giorgia Gaudino,
Dietrich Grosse, Dr. Nobert Haase, Farid Haoudy,
Abdulnaser Hasso, Sonja Kmec, Ross La Ciura, Julia
Lochte, Maddalena52, Montse Majench, Lara Manukyan,
Enrica Mattana, Gilles Mayer, Sarah Morris, Erika Mursa,
Thanh Lan Nguyen-Gatti, Domenico Pantaleone, Francesco
Pantaleone, Simona Pantaleone, Annette Pehnt, Marilena
Picco, Inka Racz, Susanne Rieger, Anna Rowinski, SC
Freiburg, Corinna Schulz, Oliver Schulz, Michael Schwarz,

Germana Sfameli, Teatro Pubblico Ligure, Alina Tillmann,
Katja Tschimmel, Claudia Turolla, Konstanze Ullmer, Odile
Vassas, Kay Viertel, Monique Vrins, Grit Werner, Gertraud
Wirsum-Häberle

TRADUÇÃO / ÜBERSETZUNG / TRADUCCIÓN /
TRADUCTION / TRADUZIONE / VERTALING

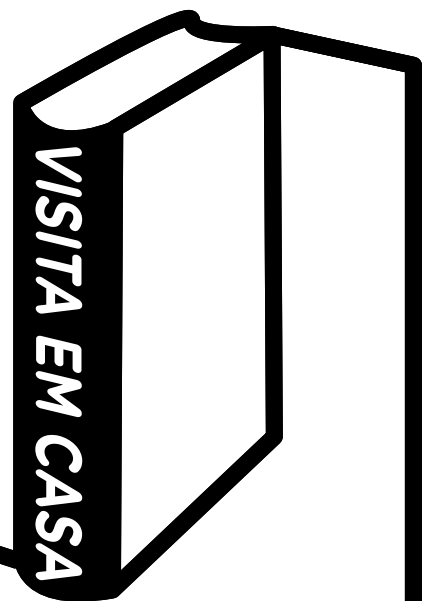
Heike Baryga, Nathalie Bauer, Julika Brandestini, Kaat
Camerlynck, Stefania Maria Ciminelli, Luisa Cortese, Telma
Costa, Vera Jerosch Herold da Costa Reis, Claudia Cuadra,
Maria Carla Dallavalle, Albert Daniels, Mirjam de Veth,
Pierre Deshusses, Claudia di Palermo, Jessica Domingues
Mouro, Cédric Duroux, Michael Ebmeyer, Christiane
Frohmann, Lupe García, Marianne Gareis, Nicolás
Gelormini, Rita Gonçalves Ramos, Goverdien Hauth-
Grubben, Frank Heibert, Sudad Karim, Adan Kovacsics,
Luísa Lara, Rafael Lechner, Isabelle Liber, Gionathan
Lo Mascolo, Fabio Lucaferri, Irene Oliva Luque, Sandra
Moura da Cruz, Roberto Mulinacci, Monique Nagielkopf,
Dominique Nédellec, Alberto Noceti, Arie Pos, Edmond
Raillaird, Gabriella Rammairone, Antonio Sáez Delgado,
Esther Cruz Santaella, Lil Sclavo, Manon Smits, Els Snick,
Laura Strack, Helena Topa, Soledad Ugolinelli, Irene
van de Mheen, Stefano Zangrando

GOETHE-INSTITUT

Daniela Albrecht, Vanessa Albrich, Karine Bellanger, Regina Bohm, Albert Bonjoch, Bettina Bremme, Roberta Canu, Elisa Costa, Tsveta Dobрева, Aloña Elizalde König, Heike Friesel, Jutta Gehrig, Charlotte Gschwandtner, Jana Johanna Haeckel, Claudia Hahn-Raabe, Margareta Hauschild, Susanne Höhn, Dr. Barbara Honrath, Andrea Jacob, Dr. Jessica Kraatz Magri, Gabriele Kreuter-Lenz, Diane Krüger, Catherine Lazzarelli, Daniela Maier, Judith Maiworm, Lara Manukyan, Roman Maruhn, Dr. Roland Meinert, Maria Carmen Morese, Christiane Muche, Cristina Nord, Bettina Pageler, Kristina Pavlovic, Maud Qamar, Inge Schladen, Hans-Werner Schmidt, Ingo Schöningh, Heidi Sciacchitano, Susanne Sporrer, Christina Steenken, Gabriele Stiller-Kern, Joachim Umlauf, Katleen Vandriessche, Monika Veeh, Elisabeth Völpel, Ursula Wahl, Johanna Wand, Marlene Weck, Ulla Wester

Ein besonderer Dank gilt der Projektkoordinatorin Marischa Weiser für die umsichtige Begleitung von 20 Autorenreisen, 40 Hausbesuchen und 61 Texten in sieben Sprachen.

**Frankfurt
am Main
Luxemburgo**



Quatro banquetes (Europa)

Banquete nº I

SENTO-ME; ao meu lado, o hospitaleiro europeu. Como animal doméstico, mesmo com a sua expiração encostada ao meu braço desprotegidíssimo e civilizado, um tigre; não dos maiores, mas tigre, tigre das patas ao focinho; elemento que sempre conheceu como muito selvagem nos filmes, mas que, ali, garante-me de forma neutra o dono da casa, aquele, em particular, é mamífero individualmente pacifista.

– Só em grupo são perigosos – diz-me o dono da casa ... – um pouco como os humanos – acrescenta, e ri-se, depois, às gargalhadas.

Pois sim, trata-se, a partir dali, de tentar descontraír, ou seja: o peso do rabo mais cabeça mais pernas e tronco deve pousar sobre a cadeira como se fruto de uma aterragem tranquilíssima de um elemento aéreo suportado por um balão larguíssimo

e pachorrento, ou seja, descontraír, a nível muscular, é isso mesmo: deixar que todo o peso, cada um dos gramas, se entregue totalmente ao solo, mesmo que este seja um solo temporário e um pouco mais alto do que o nível do mar – uma cadeira. E ter medo, por outro lado, embora não suspenda a sempre companheira lei da gravidade, internamente, a nível bem íntimo e orgânico, pelo menos não deixa o corpo inteiro em repouso abandonado; ter medo é resistir, subir o que na queda ainda se permite, se bem que apenas de forma interna – manter erectos e atentos mais músculos do que os que se deixam cair no adormecimento. E, portanto, entre descontraír e controlar o pânico havia, naqueles instantes iniciais, ainda uma distância de maratona sensorial; sendo certo que o dono da casa fazia tudo para diminuir esse espaço, essa diferença. Em suma, eu estava tenso e com medo.

– Se não se sente à vontade com tigres, posso fechá-lo no quarto – disse-me ele, de forma atenciosa. E acrescentou –... no quarto das crianças.

E no momento em que o meu hospedeiro diz

No quarto das crianças

julgo adivinhar-lhe ali, no cantinho de uns lábios bem sóbrios e frankfurtianos, um músculo, um único, sarcástico ou talvez sádico, quem sabe? Como ler, interpretar, fazer uma exegese profunda de um músculo mínimo na ampla e bem agitada

cidade de Frankfurt? O que pode um músculo? – poder-se-ia perguntar. O que diz um músculo?

Bem, mas sim: o dono da casa parecia basicamente colocar-me diante de uma decisão de imperador romano: quem ficará em perigo de vida? Quem salvo?

Porque era quase como se ele tivesse dito: se não se sente tranquilo com o meu dócil e quase agrícola tigre, senhor animal pacato e da terra, se não se sente descontraído fecho-no quarto onde as crianças brincam; com o risco, que existe, já se sabe, sempre que juntamos tigres e crianças, de surgir uma incompreensível e injustificada discussão que termine mal para a infância e para a harmonia do mundo.

Sou ou não suficientemente distante da compaixão em relação a quem não conheço para colocar em risco as brincadeiras do dia de amanhã de belas crianças de Frankfurt? A minha resposta é *yes, sí*.

Agradeço, pois, e respondo simplesmente

Sim, pode ser palavras cobertas por um véu, que basicamente parecem substituir um grito sincero que evito despejar em sala tão

simpática de Frankfurt; o verdadeiro grito que, claro, dada a minha sobriedade não desvelo.

– Sim, quero comer sossegado e não quero ser comido!!! Por favor, ponha o tigre no quarto das crianças!! No meio da brincadeira das crianças! Quero relaxar!!

É evidente que em Frankfurt os tigres não são muito bem vistos; há um certo preconceito, digamos. No entanto, precisamente em Frankfurt como em grande parte das cidades europeias, o fato e a gravata, as boas maneiras, a detalhada educação, a tolerância, o modo como a frase *somos todos iguais* passou já há muito de ser aplicada aos homens para passar aos animais e às plantas

(os minerais ainda aguardam que o olhar civilizado os alcance) os animais são todos iguais, temos de compreendê-los, as plantas –todas merecem água e sol, não sejamos injustos; enfim, a cidade estava debaixo desse novo oxigénio que em tempos mais lá para a frente se classificará certamente como o oxigénio da segunda década do século XXI, aquilo, então, a que atabalhoadamente, em cafés populares, se dá o nome de politicamente correcto.

– No fundo, um tigre é um animal como os outros. Qual a

diferença entre um tigre e o cão?

Sim, concordamos todos. Qual a diferença?

E, de facto, sim e sim: ali estamos, convidados para quem a delicadeza está acima dos Direitos do Homem, a tentar enviar toda a nossa atenção para um invulgar doce que mistura frutas, ananás, pêssego, um fruto vermelho – fruto comunista, como alguém murmurou entre sorrisos historicamente bem conscientes de datas relevantes,

se é vermelho é um bolo de 1917 – 1917, que tragédia, que bolo tão antigo!

e ainda chocolate derretido e umas pitadas de um creme gelatinoso, ali estamos, pois, tentando esquecer milénios de anos em que a sensação de gula sempre fora atropelada pela pesadíssima sensação primária de medo; ali estamos, então, tentando chamar todos os vestígios de gula (que delícia, chocolate e creme!) para cima da mesa de forma a esquecermos o bafo do tigre a menos de dois metros de nós (porque, de facto, de um modo bem democrático, com voto de braço no ar, a comunidade educadíssima do banquete havia decidido que não, não se excluiria uma espécie animal em detrimento de outra. E se por ali se passeava um mini-cão que os donos designavam, como *sintaxe*, porquê não sei, ali vai a *sintaxe*!, é tão pequenina!

se por ali se passeava um cão, sem restrições algumas, também o tigre tinha direito a não ser arrumado juntamente com as

crianças no quarto; tinha direito, digamos, à convivência orgânica entre seres vivos adultos.)

– E como se chama o tigre? – alguém pergunta.

– Memória – responde o dono da casa.

Memória!

E sim, sem uma razão evidente, aquele nome assustava ainda mais do que os dentes claramente feitos para trincar convidados inadvertidos e distraidamente desarmados, dentes aptos para destroçar num golpe uma qualquer matéria que resista e que chame por socorro,

Memória!, que nome tão estranho, murmura um outro convidado, um pouco a medo, para não ferir susceptibilidades.

– Memória, vem cá! – chamava a dona da casa, mas ela não vinha.

– Sim, memória – explicou o dono de casa, como se desenhasse na mesa a óbvia constituição mecânica e interior de uma máquina de café ou de tirar fotocópias.

– O tigre é um animal – começou o dono da casa –...há uma série de estudos que o comprovam, que tem uma enormíssima memória; uma capacidade invulgar para não esquecer as necessidades do seu povo, se assim me posso exprimir – e riu-se.

– Como? – perguntei assustado.

O facto de o tigre ainda não ter comido não era, como se poderia pensar à primeira, um acto provocatório do dono da casa em relação a convidados pouco viajados à selva e mal habituados à convivência com felinos esgrouviados e imprevisíveis; era, simplesmente, explicou com alguma solenidade o nosso hospedeiro, era simplesmente um hábito firme, um hábito que, segundo os tratadores de felinos, era essencial para mostrar quem é o dono e quem é o animal doméstico: o dono tem de comer primeiro, é uma regra base da domesticação.

De qualquer maneira, não fui apenas eu a insistir que, sendo já quase onze da noite, talvez fosse um excelente momento para dar comida ao nosso irmão-tigre, deixem-me usar esta expressão, expressão que balançava entre o vocabulário de São Francisco e o de um programa humanista da manhã da televisão em que todos, em série, de cinco em cinco minutos, sofremos com um sujeito doentíssimo ou alvo de um acidente natural fulminante que nos é apresentado pela sedutora tela irmão-tigre, sim, mas o facto é que muitos dos outros convidados haviam já há muito suspenso as conversas sobre Homero para, repetidamente, chamarem à atenção (como quem, sem querer incomodar, diz que ali, no canto da casa, está a começar um incêndio) à senhora dona de casa e ao seu marido, para esse acontecimento na negativa, que nos parecia afinal essencial, que era o facto de o tigre ainda não ter comido

nada, nadíssima; o que, realmente, parecia cada vez mais uma injustiça, uma assimetria pouco gentil e educada.

Não se tratava de estarmos preocupados connosco, que preocupação pode ter um cidadão que já comeu e está numa cidade tranquila? Não, o que nos preocupava eram os outros, o Outro, o grande Outro que a filosofia, as leis e a gentileza sempre assinalaram e respeitaram. O Outro, neste caso, com maiúscula, era um terrível e bem constituído felino. E sim, ainda não havia comido nada, e já era tarde.

Que sei eu de tigres, e da forma mais científica de os integrar socialmente? Nada, a verdade é essa, nada sei.

O certo é que o tigre se comportou impecavelmente até ao fim da recepção. Viu-nos com olhos de jejum tranquilo, quase santo, a enchermos – com gestos pequenos mas consecutivos e resistentes – a pança e nada, nenhum gesto, nenhum nervosismo aparente; paciente, esperou pela sua carne específica que chegou bem avançada já ia a noite, e que, mal caiu sobre o prato, foi deglutida alarvemente, peço perdão pelo uso do termo, desaparecendo visualmente num microssegundo para espanto e incredulidade dos convidados do banquete que naquele momento admiravam o apetite do felino como quem admira uma obra de arte, uma pintura a que acabou de se tirar o véu que a cobrira toda a noite e que

surge com cores nunca antes vistas, pela primeira vez à nossa frente.

– Somos todos europeus! – disse alguém, subitamente, levantando o copo de espumante

– Todos!! – gritámos, erguendo os copos – todos, todos!!

Banquete nº 2

IMPOSSÍVEL NÃO REPARAR. Até a sombra parecia sussurrar, no meio daquela coisa uniforme e negra que se arrasta pelo chão, que ali avançava um homem doente. Uma sombra firme, erecta, costas bem direitas, ou seja, tudo normal embora rastejante, no entanto era como se toda a sombra fosse banhada de uma cor amarela; uma cor não humana nem saudável; uma cor de mortal que é já bem mais cadáver do que homem que se levanta de manhã com energia.

– Sim, tem peste. Mas é um excelente homem.

Os convidados, claro, acenaram de longe ao homem; e ele ficou, no centro da sala, no exacto centro de uma clareira.

A peste passa unicamente pelo contacto físico. Se tocas, levas a doença contigo. Não é morte certa, mas a tua semana e os teus domingos mudarão certamente. Afecta de imediato os pulmões; respirar começa a não parecer um acto natural, humano e instintivo, mas sim algo que requer uma decisão antecedida de um pedido quase formal: gostaria de respirar,

se vossas excelências, pulmões, me permitem.

A peste é, de facto, desagradável. E aquele homem tinha peste. Havia sido convidado para o banquete e como tal havia um respeito inerente a este conviva pela importância e distinção que representava estar ali. Aquela não era uma festa popular, era um banquete solene, e o dono da casa não era um sujeito qualquer que fosse apenas milionário ou poderosíssimo politicamente. Tinha os dois atributos, as duas qualidades naturais, se assim se podem designar o poder e o dinheiro – mas além do mais era cultíssimo.

De qualquer maneira, a noite estava já lançada e em franco movimento.

O convidado que tinha peste – debaixo de uma vigilância disfarçada, sorridente, mas implacável – foi buscar uma cadeira para se sentar, e todos, simbolicamente, ao mesmo tempo que sorriam a uma distância segura, marcavam com um X descomunal mas, de facto, mental e concretamente inexistente, aquela cadeira – a cadeira que havia que evitar até ao fim do simpático banquete.

Mas, claro, a peste não era o essencial. O essencial, disse alguém, está em algumas linhas de Goethe.

Uma frase que, diga-se, não foi da concordância geral.

Subitamente, no entanto, as conversas múltiplas dos convidados que dois a dois ou a três, quatro a quatro no máximo se haviam juntado, foram suspensas.

É que naquele momento entrava finalmente na sala o nosso hospedeiro ilustre (quem nos recebera fora a esposa que tinha alguma tosse, mas era bela).

Mal o grande homem entrou na sala, o meu amigo que há muito habitava a lindíssima e higiênica cidade de Luxemburgo, murmurou-me ao ouvido:

– Também tem peste.

E acrescentou, sempre num tom íntimo, em que palavras percorriam apenas alguns centímetros nesse espaço vazio entre boca e ouvido:

– Veja as bolhas que já rebentam na testa, duas, três, vê? Tem peste.

Heinrich, assim se chamava o homem, exclamou um sedutor: Bem-vindos!

e com uma alegria contagiante estendeu a sua mão a cada um dos convidados que corresponderam com vigorosos apertos de mão e mesmo alguns abraços familiares. Apertei-lhe a mão com alegria e convicção, agradecendo, com um curvar ligeiro de corpo inteiro, o simpático convite.

– Que bela casa – disse eu.

Ele agradeceu a minha gentileza.

Falámos toda a noite sobre a Europa, a cultura europeia, as leis europeias, a tolerância europeia, a história europeia, os homens europeus e a sua energia, as mulheres europeias e a sua energia.

A simpatia de Heinrich, o nosso hospedeiro, contagiava; a sua eloquência contaminava a conversa por inteiro; a forma como nos tocava carinhosamente na mão quando queria a nossa extrema atenção para uma conclusão invulgar, uma espécie de aforismo verbal que sintetizava as discussões de um pequeno grupo de convivas ou mesmo de toda a mesa, infectava-nos a todos, todos aqueles que eram tocados pela sua mão generosa, tocados com uma intimidade que raramente se vê numa cidade tão fria como o Luxemburgo. Contagiados, infectados, contaminados, despedimo-nos já eufóricos devido ao vinho que circulara abundantemente durante a noite em redor do nosso sistema interno, seduzindo-nos primeiro fora do corpo, em bandejas, e que agora aprisionávamos já, não para sempre mas por um tempo, nas nossas circulações orgânicas. Despedimo-nos, pois, todos os convivas uns dos outros, com largos abraços já familiares, a que não escapou o pobre daquele convidado que ficara, no início, excluído.

– Somos todos europeus! – alguém diz, naquele momento como que a celebrar aquele banquete honesto, sincero, sem reservas, em que a peste fora finalmente aceite entre nós, como uma das nossas.

– Nunca nos podemos esquecer de que a peste é europeia, sempre foi. Aqui surgiu, aqui teve a sua primeira aparição.

E sim, nós, os europeus, sempre fomos assim: a história e a memória importam.

Banquete nº 3

CONTA-SE que a escritora Clarice Lispector convidou certa vez vários amigos, escritores, cantores, etc. para jantar. E que, chegados lá, a casa de Clarice, e mal se haviam sentado, ela propôs, subitamente:

– Vamos falar sobre a morte?

E falaram. Falaram a noite inteira sobre esse tema. No final da noite despediram-se de Clarice e sim, só na rua, lá fora, debaixo do belo céu negro e quente do Brasil, constataram, olhando uns para os outros e sentindo um leve chamamento do estômago, que não haviam jantado.

Pois, então, foi algo de semelhante que aconteceu.

Convidados para um jantar mas não havia comida.

– Vamos falar sobre a Europa?

Foi a proposta, antes de tudo o mais. Não havia aperitivos.

A certo momento a Europa estava analisada de alto a baixo, como uma rede, como uma tabela de linhas e colunas: não havia pedra, animal, planta ou sujeito europeu com mais de seis semanas que não tivesse merecido a nossa generosa atenção e dissertação.

Subitamente, uma da manhã e todos se calaram. Olhámos uns para os outros, nós, os convidados.

Estávamos com fome.

Um olhar cúmplice entre dois dos convidados que se concentraram na expressão ainda maravilhada da dona de casa, que ainda sugeria falarmos da tolerância europeia na Idade Média, foi o prenúncio de uma ação rápida.

Atacaram num golpe a dona da casa e amarraram-na com uma corda que outros convivas conseguiram encontrar, sabe-se lá onde.

Depois, subitamente, alguém gritou:

– A comida está toda no cofre!

E estava.

Porque cá fora, nada. Na cozinha, na mesa da cozinha, uma toalha lindíssima, verde e branca, mas nenhum alimento; nem migalhas: o frigorífico era um armário frio e vazio. Como olhar para um paralelepípedo de gelo em pleno pólo norte. Na despensa estavam livros (História Europeia, O que é um Europeu?); nos quartos seria, então, contra toda a exigência higiénica daquela cidade encontrar sequer o mais pequeno dos biscoitos.

– A comida está no cofre! – alguém, então, gritou de novo – e agora o grito era semelhante ao de 1789:

– À Bastilha! À Bastilha!!

Avançámos, então, para a Mini-Bastilha com todo o ímpeto e as ferramentas revolucionárias que tínhamos. Um dos convidados parecia ter já uma história rica em arrombamentos de cofres, ou pelo menos assim parecia. Foi ele que entre brocas, alicates, fundiu uma parte do mecanismo da fechadura e, por fim, com o auxílio de uma pequena bomba artesanal – que, pelos vistos, um outro dos convidados sempre trazia debaixo do sobretudo elegante – conseguiu arrombar o cofre.

O cofre, que parecia uma fortaleza inexpugnável, estava, de facto, cheio de comida, de cima a baixo, de baixo a cima, comida da mais variada. O que se seguiu foi um banquete histórico, dir-se-ia. Comemos como há muito oito europeus convidados para um jantar fora de casa não se atreviam.

Banquete nº 4

ERA O ÚNICO POBRE no banquete e isso era muito evidente pois todos estavam em redor desse sujeito, tentando ajudá-lo como se os próximos minutos fossem os decisivos para aquela existência ou como se na verdade aquele sujeito não fosse um pobre mas um homem que havia acabado de ser resgatado do alto mar depois de naufrágio em tempestade maligna, e tivéssemos nós, os outros convidados de banquete, sido chamados com urgência para fazer respiração boca a boca a um homem que tivesse estado demasiado tempo debaixo do mar. Na verdade, era isso mesmo, parecia que os convidados eram nadadores-salvadores em puro espaço sólido por todos os lados, quer no centro quer em redor, e aquele senhor pobre que fora imprevisivelmente convidado para o banquete (somos todos europeus!, murmurara o dono da casa) estivesse nos últimos mililitros (penso que será esta a unidade de medida) de oxigénio que ainda o ligava à vida.

Na verdade, o pobre dera já o primeiro soco a um dos socorristas mais aguerridos porque ali, nos momentos que antecedem o banquete, em que os convivas, ainda em pé, conversavam, ele estava já em vias de sufocação última, dada a multidão de europeus disponíveis para ajudar em seu redor. A pancadaria começou assim por puro instinto de sobrevivência do pobre, que de repente, sem surpresa, exigiu respirar, pedir espaço, uns centímetros pelo menos entre as trinta mãos que querem confraternizar com ele e o seu pescoço; enfim, o que parecia tudo muita boa vontade, trinta braços de boa vontade e um único pobre, em pouco tempo transformou-se em indelicadeza que saltou a pés juntos para impropérios entre os dois lados e pancadaria.

O homem pobre acabou espancado porque evidentemente, ali, naquele contexto, o desequilíbrio era notório.

Havia algum sangue no chão; no entanto, alguém disse, depois de se aproximar e confirmar:

– Ainda respira

e por isso deveria ser ainda considerado e tratado como convidado.

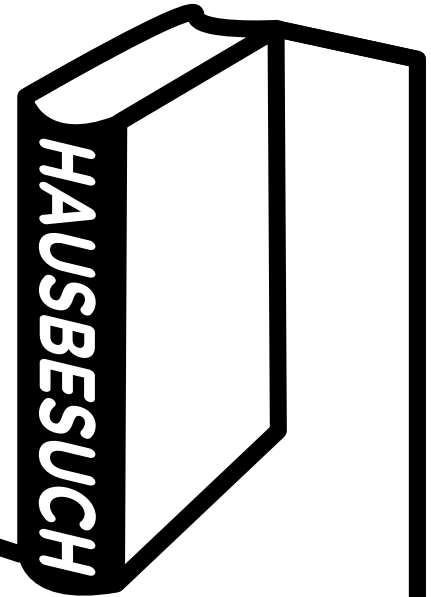
Embora no chão, caído, imóvel, o pobre, então, mantinha-se respirando de uma forma humana e viva; e se todos os convivas se sentaram e avançaram para a refeição que os

esperava, não deixaram, diga-se, de ter o cuidado de manter uma cadeira vazia, para o caso de o homem recuperar.

Na mesa, estava então eu, e outros catorze homens e mulheres extraordinariamente interessados na cultura europeia, uma cadeira vazia e, a cerca de quatro metros da cabeceira da mesa, mais ou menos nas costas do dono da casa, um corpo caído que nunca, em nenhum momento da nossa animada discussão sobre a impossibilidade de tradução da poesia, foi esquecido.

Não era, aliás, por ainda não lhe sabermos o nome que deixávamos de lhe atribuir importância.

**Frankfurt
am Main
Luxemburg**



Vier Festmahle (Europa)

Festmahl Nr. I

ICH SETZE MICH; neben mir der gastfreundliche Europäer. Wie ein Haustier, dessen Atem meinen völlig ungeschützten zivilisierten Arm streift, ein Tiger; keiner von den ganz großen, aber ein Tiger, Tiger von Kopf bis Pfote; ein Tier, das ich in Filmen immer als sehr wild empfunden habe; jenes hier jedoch sei, wie mir der Hausherr ungezwungen versichert, ein ausgesprochen friedliebendes Säugetier.

»Nur in Gruppen sind sie gefährlich«, erklärt er mir, »ein bisschen wie die Menschen«, fügt er hinzu und lacht schallend.

Na schön, von jetzt an gilt es zu entspannen, sprich: Das Gewicht von Gesäß und Kopf sowie von Beinen und Rumpf muss so auf dem Stuhl ruhen, als wäre es von einem riesi-

gen, trägen Ballon ganz sanft dort abgesetzt worden; muskulär zu entspannen, darum geht es also: zuzulassen, dass das gesamte Gewicht, jedes Gramm, sich gänzlich dem Untergrund – einem Stuhl – überlässt, auch wenn dieser nur temporär ist und knapp über dem Meeresspiegel liegt. Und andererseits Angst zu haben, denn obwohl das uns stets begleitende Gesetz der Schwerkraft weiterhin gilt, lässt es den Körper innerlich, in den tiefen Schichten des Organismus, doch nicht gänzlich zur Ruhe kommen; Angst haben heißt Widerstand zu leisten, das hochzuhalten, was im Fallen noch möglich ist, wenngleich nur innerlich – mehr Muskeln straff und wachsam zu halten als man einschlafen lässt. Deshalb lag in diesen anfänglichen Augenblicken zwischen Entspannen und Kontrollieren der Panik eine gefühlte Marathonstrecke; wobei der Hausherr selbstverständlich alles tat, um diesen Zwischenraum, diese Entfernung zu verringern. Kurzum, ich war angespannt und ängstlich.

»Wenn Ihnen Tiger nicht geheuer sind, kann ich ihn auch im Schlafzimmer einsperren«, sagte er zuvorkommend. Und er fügte hinzu: »... im Kinderschlafzimmer.«

Und in dem Moment, in dem mein Gastgeber sagt *Im Kinderschlafzimmer*, glaube ich, im Mundwinkel dieser so nüchternen Frankfurter Lippen einen Muskel zu erahnen, einen kleinen, sarkas-

tischen oder, wer weiß, vielleicht auch sadistischen Muskel. Wie deutet, interpretiert, legt man in der großen, hektischen Stadt Frankfurt einen klitzekleinen Muskel aus? *Was kann ein Muskel?*, könnte man fragen. *Was sagt ein Muskel?*

Nun denn: Im Grunde schien der Hausherr mich vor die Entscheidung eines römischen Feldherrn zu stellen: *Wer soll in Lebensgefahr verbleiben? Wer in Sicherheit?*

Denn es war fast so, als hätte er gesagt: Wenn Sie sich unbehaglich fühlen mit meinem braven, fast schon sesshaften Tiger, diesem friedfertigen, majestätischen Tier des Landes, wenn Sie sich nicht entspannt fühlen, sperre ich ihn in das Zimmer, in dem die Kinder spielen; mit dem allseits bekannten Risiko, das besteht, wenn man Tiger und Kinder zusammenbringt, dass nämlich ein unnötiger, nicht nachvollziehbarer Streit ausbricht, der böse ausgeht für die Kinder und die Harmonie der Welt.

Habe ich wohl genügend Abstand, um mitleidlos zu sein gegenüber Unbekannten, um die zukünftigen Spiele prächtiger Frankfurter Kinder zu gefährden? Meine Antwort ist *yes, sí*.

Ich bedanke mich also und antworte einfach mit *Ja, gern*

– verschleierte Worte, die eigentlich nur einen ehrlichen Schrei ersetzen, den auszustoßen ich mich in einem so sympathischen Frankfurter Wohnzimmer jedoch scheue; den wahren Schrei, den ich dank meiner Zurückhaltung natürlich nicht loslasse.

Ja, ich möchte in Ruhe essen und nicht gefressen werden!!! Bitte bringen Sie den Tiger ins Kinderzimmer!! Mitten hinein ins Spiel der Kinder! Ich will entspannen!!

Es zeigt sich also, dass Tiger in Frankfurt nicht immer gern gesehen sind, es besteht ein gewisses Vorurteil. Dabei gelten in Frankfurt, genau wie in den meisten anderen europäischen Städten, Anzug und Krawatte, gute Manieren, umfassende Bildung, Toleranz sowie die Anwendung des Satzes *Wir sind alle gleich* längst nicht mehr nur für Menschen, sondern auch für Tiere und Pflanzen.

– Die Mineralien warten noch darauf, dass der Blick der Zivilisation auf sie fällt. – Alle Tiere sind gleich, wir müssen sie verstehen, die Pflanzen haben alle ein Recht auf Wasser und Sonne, seien wir nicht ungerecht; schließlich lag die Stadt unter diesem neuartigen Sauerstoff, den man später sicher einmal als den Sauerstoff der zweiten Dekade des 21. Jahrhunderts klassifizieren würde, als das also, was in den typischen Cafés verwirrenderweise als politisch korrekt bezeichnet wird. »Im Grunde ist ein Tiger ein Tier wie alle anderen. Was ist

der Unterschied zwischen einem Tiger und einem Hund?»
Ja, stimmen wir alle zu. Was ist der Unterschied?

Und in der Tat, ja und nochmal, ja: Dort sind wir, eingeladen zu jemandem, für den die Höflichkeit wichtiger ist als Menschenrechte, der jetzt versucht, unsere geballte Aufmerksamkeit auf einen ungewöhnlichen, aus Früchten bestehenden Nachtisch zu lenken, Ananas, Pfirsich, eine rote Frucht. Eine kommunistische Frucht, wie jemand mit einem historischen Bewusstsein für relevante Daten lächelnd murmelt. Wenn sie rot ist, dann ist es ein Dessert von 1917 Von 1917? Welche Tragödie, was für ein steinaltes Dessert!

Außerdem flüssige Schokolade und ein paar Kleckse von einer gelatineartigen Crème, dort sind wir also und versuchen, all jene Jahrtausende zu vergessen, in denen das Empfinden der Völlerei stets überlagert wurde durch ein heftiges primäres Angstgefühl; dort sind wir also und versuchen, sämtliche Überreste der Völlerei – Wie lecker, Schokolade und Crème! – auf den Tisch zu bringen, um den nur knapp zwei Meter von uns entfernten Tigeratem zu vergessen. (Denn tatsächlich hatte die wohlgezogene Festmahlgemeinschaft ganz demokratisch und per Handabstimmung beschlossen, keine Tierspezies auf Kosten einer anderen auszuschließen, nein, keinesfalls. Und wenn dort ein Mini-Hund herumsprang, den die Besitzer *Syntax* nannten, warum weiß ich nicht. – Da ist unsere Syntax! Sie ist ja so klein! – Wenn dort völlig uneinge-

schränkt ein Hund herumsprang, dann hatte auch der Tiger das Recht, nicht mit den Kindern ins Schlafzimmer weggeräumt zu werden; er hatte sozusagen das Recht auf ein natürliches Beisammensein mit erwachsenen Lebewesen.)

»Und wie heißt der Tiger?«, fragte jemand.

»Gedächtnis«, antwortete der Hausherr. »Gedächtnis!«

Und ja, ohne ersichtlichen Grund schüchterte dieser Name noch mehr ein als die Zähne des Tiers, die doch eindeutig dazu gemacht waren, unvorbereitete und dadurch wehrlose Gäste anzuknabbern, Zähne, die geeignet waren, jegliche sich widersetzende und um Hilfe rufende Materie mit einem Schlag zu zerfetzen.

Gedächtnis! Was für ein merkwürdiger Name, murmelte ein anderer Gast verhalten, um keine Empfindlichkeiten zu verletzen.

»Gedächtnis, bei Fuß!«, rief die Hausherrin, aber die Hündin folgte nicht.

»Ja, Gedächtnis«, erklärte der Hausherr, als zeichnete er auf dem Tisch das klar erkennbare Innenleben einer Kaffeemaschine oder eines Kopierers auf.

»Der Tiger ist ein Tier«, begann der Hausherr, »mit einem ungeheuren Gedächtnis, das belegen eine Reihe von Studien; mit der ungewöhnlichen Fähigkeit, die Bedürfnisse seiner

Spezies im Kopf zu behalten, wenn ich das so sagen darf«, sagte er und lachte.

»Wie bitte?«, fragte ich erschrocken.

Die Tatsache, dass der Tiger noch nichts gegessen hatte, war keineswegs, wie man zunächst annehmen mochte, eine Provokation des Hausherrn gegenüber seinen Gästen, die wenig im Urwald gereist und das Zusammensein mit zotteligen, unberechenbaren Feliden nicht gewohnt waren; es sei einfach, erklärte unser Gastgeber mit einer gewissen Feierlichkeit, ein fester Brauch, der laut der Raubtierpfleger essentiell sei, um zu zeigen, wer der Herr ist und wer das Haustier: Der Herr muss zuerst essen, das ist eine Grundregel der Domestizierung.

Jedenfalls war ich nicht der Einzige, der nun, da es schon fast elf Uhr abends war, darauf bestand, dass es an der Zeit sei, unseren Tiger-Bruder zu füttern, lassen Sie mich diesen Ausdruck wählen, der irgendwo zwischen dem Vokabular des Heiligen Franziskus und dem einer humanistischen Morgensendung im Fernsehen angesiedelt ist, in der wir alle fünf Minuten mit einem extrem kranken Menschen oder dem Opfer einer schrecklichen Naturkatastrophe mitleiden, präsentiert auf dem verführerischen Bildschirm.

Tiger-Bruder, ja, Tatsache ist aber, dass viele der anderen Gäste ihre Gespräche über Homer längst eingestellt hatten, um

die Hausherrin und ihren Ehemann – wie jemand, der ohne stören zu wollen, darauf hinweist, dass in einer Ecke des Hauses ein Brand ausgebrochen ist – immer wieder auf dieses Negativereignis aufmerksam zu machen, das uns doch so wesentlich erschien, nämlich die Tatsache, dass der Tiger noch nichts, absolut nichts gegessen hatte; was in der Tat immer mehr nach einer Ungerechtigkeit aussah, nach einer groben, unhöflichen Asymmetrie.

Es ging weniger darum, dass wir uns um uns selbst sorgten, denn welche Sorgen kann ein Bürger schon haben, der gerade gegessen hat und sich in einer ruhigen Stadt aufhält? Nein, was uns beunruhigte, waren die anderen, der Andere, der große Andere, dem die Philosophie, die Gesetze und auch das Wohlverhalten stets Beachtung und Respekt zollten. Der Andere, in diesem Fall mit Großbuchstabe, war eine schreckliche, gutgebaute Raubkatze. Und ja, er hatte noch nichts gegessen, und es war schon spät.

Was weiß ich schon über Tiger und die wissenschaftlichste Art und Weise, sie sozial einzubinden? Nichts, die Wahrheit ist, ich weiß nichts.

Richtig ist, dass der Tiger sich bis zum Ende des Empfangs untadelig verhielt. Er beobachtete mit Augen, die das Fasten ruhig, fast fromm hinnahmen, wie wir uns – mit kleinen,

aber steten und zähen Gesten – den Bauch vollschlugen, und nichts, keine Regung, keine offensichtliche Nervosität; geduldig wartete er auf sein spezielles Fleisch, das erst zu weit fortgeschrittener Nacht kam und, kaum war es auf den Teller geplumpst, augenblicklich verschlungen war, und zwar auf rüpeligste Art, man verzeihe mir den Ausdruck, aber es verschwand buchstäblich in einer Mikrosekunde, zum Entsetzen und Erstaunen der Festmahlsgäste, die den Appetit der Raubkatze bewunderten, wie man ein Kunstwerk, ein Gemälde bewundert, von dem man gerade den Schleier gelüftet hat, der es den ganzen Abend über verhüllte, und das nun mit nie da gewesenen Farben erstmals vor unseren Augen erscheint.

»Wir sind alle Europäer!«, rief auf einmal jemand aus und erhob das Sektglas.

»Alle!!«, brüllten wir und erhoben unsere Gläser, »alle, alle!!«

Festmahl Nr. 2

UNMÖGLICH ZU ÜBERSEHEN. Selbst der Schatten dieses einförmigen schwarzen Etwas, das da angekrochen kam, schien zu flüstern, dass dort ein Kranker eintraf. Ein deutlicher Schatten, aufrecht, mit geradem Rücken, sprich, alles normal, obwohl er kroch, und doch war es, als wäre der ganze Schatten gelb getüncht; mit einer Farbe, die weder menschlich noch gesund war; mit der Farbe eines Sterblichen, der

bereits eher tot als lebendig, kein Mensch mehr war, der morgens voll Energie aufstand.

»Ja, er hat die Pest. Aber er ist ein hervorragender Mensch.« Die Gäste winkten dem Mann zu, aus der Ferne, versteht sich; und er blieb mitten im Saal stehen, genau im Lichtkegel.

Die Pest wird nur durch Körperkontakt übertragen. Wenn du den Kranken berührst, fängst du dir die Krankheit ein. Es bedeutet nicht den sicheren Tod, aber dein Alltag wird sich definitiv verändern. Die Pest befällt augenblicklich die Lungen; das Atmen ist dann kein natürlicher, instinktiver Vorgang mehr, sondern erfordert eine Entscheidung, der eine fast förmliche Bitte vorausgeht: Ich würde gerne atmen, wenn Eure Herrschaften, die Lungen, es zulassen.

Die Pest ist wirklich unangenehm. Und dieser Mann hatte die Pest.

Er war zu dem Festessen eingeladen worden, weshalb ihm zwangsläufig Respekt entgegengebracht wurde, denn es zeugte von Wichtigkeit und Auszeichnung, dort zu sein. Das war kein Rummel, das war ein feierliches Festmahl, und der Hausherr war nicht irgendjemand, ein bloßer Millionär oder ein Mensch mit großem politischem Einfluss. Er verfügte über beides, über diese zwei naturgegebenen Eigenschaften, falls man Macht und Geld als solche bezeichnen kann – und zudem war er noch ausgesprochen gebildet.

Jedenfalls war der Abend bereits eröffnet und in vollem Gang. Der Gast mit der Pest holte sich – unter heimlicher, lächelnd-

der, aber unerbittlicher Beobachtung – einen Stuhl, um sich zu setzen, und alle markierten, während sie aus sicherer Entfernung lächelten, den Stuhl symbolisch mit einem riesigen, de facto jedoch imaginären, konkret nicht existierenden X als Stuhl, den es bis zum Ende dieses sympathischen Festmahls zu meiden galt.

Aber natürlich war die Pest nicht das Wesentliche. Das Wesentliche läge, so hieß es, in einigen Zeilen aus Goethes Feder.

Ein Satz, der wohlgemerkt nicht auf allgemeine Zustimmung stieß.

Auf einmal jedoch verstummten die verschiedenen Gespräche der Gäste, die sich zu zweit oder zu dritt oder maximal zu viert zusammengefunden hatten.

Denn in diesem Augenblick betrat endlich unser illustrierter Gastgeber den Saal. (Empfangen hatte uns seine Gattin, die ein wenig hustete, aber schön war).

Als dieser große Mann eintrat, flüsterte mir mein Bekannter, der bereits seit Langem in der wunderschönen, sauberen Stadt Luxemburg wohnt, ins Ohr:

»Er hat auch die Pest.«

Und er fügte, noch immer in dem vertraulichen Ton, bei dem die Worte in dem leeren Raum zwischen Mund und Ohr nur wenige Zentimeter zurücklegen, hinzu:

»Beachten Sie die Beulen, die gerade auf seiner Stirn aufplatzen, zwei, drei, sehen Sie? Er hat die Pest.«

Heinrich, so hieß der Mann, erhob das Glas, sprach ein betörendes

»Herzlich willkommen!«

und reichte mit ansteckender Heiterkeit allen Gästen die Hand, die die Begrüßung mit einem kräftigen Händedruck und einige sogar mit einer herzlichen Umarmung erwiderten. Ich drückte ihm freudig und überzeugt die Hand und bedankte mich mit einer leichten Verbeugung für die freundliche Einladung.

»Was für ein schönes Haus«, sagte ich.

Er bedankte sich für meine Liebenswürdigkeit.

Wir sprachen den ganzen Abend über Europa, die europäische Kultur, die europäischen Gesetze, die europäische Toleranz, die europäische Geschichte, die europäischen Menschen und deren Energie, die europäischen Frauen und deren Energie.

Die sympathische Art von Heinrich, unserem Gastgeber, war ansteckend; seine Beredsamkeit übertrug sich auf die gesam-

te Unterhaltung; die Art und Weise, wie er liebevoll unsere Hand berührte, wenn er unsere ungeteilte Aufmerksamkeit für eine seiner ungewöhnlichen Schlussfolgerungen – eine Art mündlicher Aphorismen – einforderte, welche die Diskussionen einer kleinen Gästegruppe oder gar des ganzen Tisches zusammenfasste, infizierte uns alle, alle, die wir von seiner großzügigen Hand berührt wurden, berührt mit einer Vertrautheit, die man in einer so kalten Stadt wie Luxemburg selten sieht. Angesteckt, infiziert verabschiedeten wir uns, schon leicht euphorisch von dem Wein, der den ganzen Abend großzügig um unser inneres System herum zirkuliert war, der uns zunächst außerhalb des Körpers, auf den Tablets, verführt hatte und mittlerweile in unseren inneren Kreislauf übergegangen war, nicht für immer, aber für eine gewisse Zeit. Deshalb verabschiedeten wir Gäste uns mit langen, bereits vertraut wirkenden Umarmungen voneinander, in die der arme Gast, der doch anfangs noch ausgeschlossen worden war, miteinbezogen wurde.

»Wir sind alle Europäer!«, sagte jemand, als wollte er in diesem Augenblick das anständige, ehrliche, vorbehaltlose Festmahl hochleben lassen, bei dem endlich die Pest als eine von uns akzeptiert wurde.

»Wir dürfen niemals vergessen, dass die Pest europäisch ist und es schon immer war. Hier ist sie entstanden, hier tauchte sie erstmals auf.«

Und ja, wir, die Europäer, waren auch schon immer so: Was zählt, ist die Geschichte, ist die Erinnerung.

Festmahl Nr. 3

ES HEISST, die Schriftstellerin Clarice Lispector habe einmal ein paar Freunde, Autoren, Sänger etc., zum Abendessen eingeladen. Und als die Gäste dort, in Clarices Haus, angekommen seien und sich gesetzt hätten, habe sie auf einmal vorgeschlagen:

»Wollen wir über den Tod reden?«

Und das taten sie. Sie sprachen den ganzen Abend über den Tod. Am Ende verabschiedeten sie sich von Clarice und ja, erst auf der Straße, dort draußen, unter dem schönen schwarzen, warmen Himmel Brasiliens, stellten sie, einander mit einem leisen Grummeln im Magen anblickend, fest, dass sie gar nicht zu Abend gegessen hatten.

Nun, etwas Ähnliches passierte gerade hier.

Man wurde zum Essen eingeladen, aber es gab kein Essen.

»Wollen wir über Europa reden?«

So war der Vorschlag, gleich zu Anfang. Es gab keinen Aperitif.

Irgendwann war Europa von oben bis unten durchdiskutiert, als wäre es ein Netz, eine Tabelle mit Zeilen und Spalten: Es gab keinen Stein, kein Tier, keine Pflanze, keinen mehr als sechs Wochen alten Menschen Europas, den wir nicht mit unserer großzügigen Aufmerksamkeit bedacht hätten.

Auf einmal war es ein Uhr morgens, und alle verstummten. Wir sahen uns an. Wir hatten Hunger.

Ein verschwörerischer Blick zwischen zwei Gästen, die sich auf den immer noch verzückten Gesichtsausdruck der Hausherrin konzentrierten, die vorschlug, doch noch über die europäische Toleranz im Mittelalter zu sprechen, war Vorbote einer schnellen Aktion.

Blitzschnell wurde die Hausherrin überwältigt und mit einem Strick gefesselt, den die anderen Gäste gefunden hatten, keine Ahnung wo.

Dann brüllte auf einmal jemand:

»Das Essen ist im Safe!«

Und da war es.

Denn draußen gab es wirklich absolut nichts. In der Küche auf dem Küchentisch ein wunderschönes Tischtuch, grün und weiß, aber keinerlei Lebensmittel; nicht mal Krümel: Der Kühlschrank ein kalter, leerer Schrank. Als blickte man mitten auf dem Nordpol auf einen Eisquader. In der Speisekammer Bücher (Europäische Geschichte, Was ist ein Europäer?); womöglich würde man in den Schlafzimmern – gegen sämtliche Hygienevorschriften der Stadt – einen klitzekleinen Keks finden ...

»Das Essen ist im Safe!«, brüllte erneut jemand, und nun ähnelte der Schrei dem von 1789:

»Auf die Bastille! Auf die Bastille!!«

Wir stürmten also mit voller Wucht und den uns verfügbaren revolutionären Werkzeugen die Mini-Festung vor uns. Einer der Gäste schien bereits eine lange Geschichte im Safe-Knacken zu haben, zumindest machte es den Anschein. Er war es, der mit Bohrer und Zange den Verriegelungsmechanismus aushebelte und schließlich mittels einer kleinen selbstgebastelten Bombe, die ein anderer Gast stets unter dem eleganten Mantel bei sich zu haben schien, den Safe sprengte.

Der Tresor, der uneinnehmbar gewirkt hatte, war tatsächlich von oben bis unten mit den verschiedensten Speisen gefüllt. Was folgte, war sozusagen ein historisches Festmahl. Wir speisten, wie acht außer Haus zum Essen geladene Europäer es lange nicht mehr gewagt hatten.

Festmahl Nr. 4

ER WAR DER EINZIGE ARME bei dem Festmahl, und das war ziemlich offensichtlich, da sich alle um diesen einen Menschen scharten und versuchten, ihm zu helfen, als wären die nächsten Minuten entscheidend für dessen Leben, oder als wäre er eigentlich gar nicht arm, sondern gerade auf hoher See in einem schlimmen Sturm vor dem Schiffbruch bewahrt worden, und wir, die anderen Festmahlgäste, eilends herbeigerufen worden, um bei jemandem, der zu lange unter Wasser gewesen war, Mund-zu-Mund-Beatmung zu machen. Eigentlich war es genau das, die Gäste wirkten wie Rettungsschwimmer, obwohl es dort nur Festland gab, in der Mitte wie auch drumherum, und dieser arme Mensch der unerwartet zu dem Festmahl geladen worden war – *Wir sind alle Europäer!*, hatte der Hausherr gemurmelt. –, verbrauchte nun seine letzten Milliliter – ich glaube, das ist die Maßeinheit – Sauerstoff, die ihn noch mit dem Leben verbanden.

In Wahrheit hatte der arme Kerl einem der kriegerrischsten Rettungsschwimmer bereits einen Schwinger verpasst, weil er dort, in diesen Augenblicken vor dem Festmahl, als die Gäste noch plaudernd um ihn herumstanden, angesichts der ihm helfen wollenden Masse von Europäern akut mit dem Erstickungstod rang. Die Schlägerei begann also aus dem reinen Überlebensinstinkt des armen Kerls heraus, der plötzlich, und verständlicherweise, darauf bestand zu atmen, der nach Raum verlangte, ein paar Zentimeter wenigstens, zwischen ihm und den dreißig Händen, die sich mit ihm und seinem Hals verbrüdernd wollten; kurz und gut, was nach bester Absicht aussah, dreißig wohlmeinende Arme und ein einziger Armer, wurde binnen kurzem zu einer Taktlosigkeit, die augenblicklich Beleidigungen und eine Schlägerei zwischen den beiden Parteien nach sich zog.

Am Ende wurde der arme Kerl verprügelt, weil das Ungleichgewicht dort in diesem Kontext so offensichtlich zutage trat.

Auf dem Boden war etwas Blut; doch jemand sagte, als er nähergetreten und sich vergewissert hatte:

»Er atmet noch

und deshalb sollte er auch weiterhin wie ein Gast angesehen und behandelt werden.«

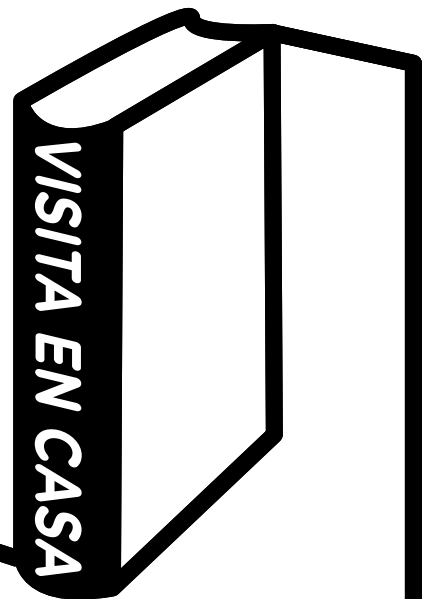
Obwohl der arme Mann auf dem Boden lag, niedergestreckt und reglos, atmete er wie jeder andere Mensch weiter; und obwohl die ganzen Gäste sich setzten und zu dem Mahl schritten, das sie erwartete, waren sie dennoch so rücksichtsvoll, wenn man so sagen will, einen Stuhl freizuhalten für den Fall, dass der Mann wieder gesund würde.

Am Tisch befanden sich nun meine Person, vierzehn weitere Männer und Frauen mit einem besonderen Interesse an der europäischen Kultur, ein leerer Stuhl und circa vier Meter vom Kopfende des Tisches entfernt, fast im Rücken des Hausherrn, ein hingestreckter Körper, der niemals, in keinem Augenblick unserer angeregten Diskussion über die Unmöglichkeit, Lyrik zu übersetzen, vergessen werden würde.

Wir kannten zwar seinen Namen noch nicht, maßen ihm aber dennoch Bedeutung bei.

Übersetzt aus dem Portugiesischen von
MARIANNE GAREIS

**Fráncfort
del Meno
Luxemburgo**



Cuatro banquetes (Europa)

Banquete nº I

ME SIENTO; a mi lado, el anfitrión europeo. Como un animal doméstico, con la expiración pegada a mi brazo desprotegidísimo y civilizado, un tigre; no de los más grandes, pero tigre, tigre de las patas al hocico; un elemento que siempre me había parecido salvaje en las películas, pero que allí, me asegura de forma neutra el dueño de la casa, aquel en particular, es un mamífero individualmente pacifista.

– Solo son peligrosos en grupo –me dice el dueño de la casa– ... Un poco como los humanos –añade, riéndose después a carcajadas–.

Pues sí, a partir de ese momento se trata de intentar relajarme, o sea: el peso del trasero más cabeza más piernas y tronco debe reposar sobre la silla como si fuera el fruto del aterrizaje tranquilísimo de un elemento aéreo sostenido por un globo

paciente y anchísimo; o sea, relajarse, a nivel muscular, es eso mismo: dejar que todo el peso, cada uno de sus gramos, se entregue totalmente al suelo, aunque sea un suelo temporal y un poco más alto que el nivel del mar: una silla. Y tener miedo, por otro lado, aunque no suspenda la siempre presente ley de la gravedad, de forma interna, a escala íntima y orgánica, al menos no deja el cuerpo entero en reposo abandonado; tener miedo es resistir, subir lo que nos permitimos en la caída, aunque solo de forma interna: mantener erectos y atentos más músculos de los que dejamos caer al dormirnos. Y, por lo tanto, entre relajarme y controlar el pánico, en aquellos instantes iniciales, había todavía una distancia de maratón sensorial; aunque ciertamente el dueño de la casa hacía todo lo posible por reducir ese espacio, esa diferencia. En suma, yo estaba tenso y atemorizado.

– Si no se siente cómodo con el tigre, puedo encerrarlo en el cuarto –me dijo atentamente–. Y añadió: –... en el cuarto de los niños.

Y en el momento en que mi anfitrión dice

En el cuarto de los niños

creo adivinar, en la comisura de sus labios sobrios y frankfurtianos, un músculo, uno solo, sarcástico o tal vez sádico, ¿quién sabe? ¿Cómo leer, interpretar, hacer una exégesis profunda de un músculo mínimo en la amplia y bien agitada

ciudad de Frankfurt? ¿Qué puede un músculo? –podríamos preguntarnos– ¿Qué dice un músculo?

Bien, pero básicamente el dueño de la casa parecía obligarme a una decisión de emperador romano: ¿quién estará en peligro de muerte? ¿Quién salvado?

Porque era como si él hubiese dicho: si no se siente tranquilo con mi tigre dócil y casi agrícola, un señor animal apacible y de aquí, si no se siente relajado, lo encierro en el cuarto de juegos de los niños; con el riesgo que hay, ya se sabe, siempre que juntamos a tigres y niños, de que surja una incomprensible e injustificada discusión que termine mal para la infancia y la armonía del mundo.

¿Estoy o no estoy suficientemente lejos de la compasión por quien no conozco como para poner en riesgo los juegos del día de mañana de unos buenos niños de Frankfurt? Mi respuesta es *yes, sim*.

Así que se lo agradezco y respondo sencillamente
Sí, gracias.

palabras cubiertas con un velo, que básicamente parecen sustituir un grito sincero que evito soltar en un salón tan agra-

dable de Frankfurt, el grito verdadero que, claro, no desvelo, dada mi sobriedad.

– ¡¡¡Sí, quiero comer tranquilo y no quiero que me coman!!!
¡¡Por favor, meta al tigre en el cuarto de los niños!! ¡Entre los juegos de los niños! ¡¡Quiero relajarme!!

Es evidente que en Frankfurt los tigres no están muy bien vistos; existe, digamos, un cierto prejuicio. Sin embargo, precisamente en Frankfurt, como en gran parte de las ciudades europeas, encontramos el traje y la corbata, los buenos modos, la educación esmerada, la tolerancia, la manera como la frase *todos somos iguales* ha pasado, ya hace mucho, de ser aplicada a los hombres a serlo a los animales y plantas (los minerales esperan todavía una mirada civilizada) los animales son todos iguales, tenemos que entenderlos, todas las plantas merecen agua y sol, no seamos injustos; en fin, la ciudad estaba bajo ese nuevo oxígeno que en tiempos futuros será seguramente clasificado como el oxígeno de la segunda década del siglo XXI, aquello, entonces, a lo que torpemente, en los bares populares, se le da el nombre de políticamente correcto.

– En el fondo, un tigre es un animal como los demás. ¿Cuál es

la diferencia entre un tigre y un perro?
Sí, asentimos todos. ¿Cuál es la diferencia?

Y, de hecho, así es: allí estamos, invitados para quienes la delicadeza está por encima de los Derechos Humanos, intentando centrar toda nuestra atención en un postre extraño que mezcla frutas, piña, melocotón, frutos rojos –frutos comunistas, como alguien murmuró entre sonrisas históricamente bien conscientes de fechas relevantes–, si son rojos es una tarta de 1917: ¡1917, qué tragedia, qué tarta tan antigua!
y también chocolate fundido y unos toques de una crema gelatinosa; ahí estamos, pues, intentando olvidar miles de años en los que la sensación de gula había sido siempre atropellada por la fortísima sensación primaria de miedo; ahí estamos, intentando poner todos los vestigios de gula (¡qué delicia, chocolate y crema!) encima de la mesa para poder olvidar el aliento del tigre a menos de dos metros de nosotros
(porque, de hecho, de un modo muy democrático, con voto a mano alzada, la comunidad educadísima del banquete había decidido que no, no se excluiría a una especie animal en detrimento de otra. Y si se paseaba por allí un mini perro al que sus dueños llamaban *sintaxis*, no sé por qué, ¡ahí va *sintaxis*!, ¡es tan pequeñita!
si se paseaba por allí un perro, sin ninguna restricción, también el tigre tenía derecho a que no lo metieran en el cuarto

con los niños; tenía derecho, digamos, a la convivencia orgánica entre seres vivos adultos.)

– Y cómo se llama el tigre, pregunta alguien.
– Memoria –responde el dueño de la casa–.
¡Memoria!

Y sí, sin razón evidente, aquel nombre asustaba aún más que sus dientes, hechos sin duda para morder a comensales confiados y distraídamente desarmados, dientes aptos para destrozarse de un golpe cualquier materia que se resistiera y pidiera socorro,

¡Memoria!, qué nombre tan raro, murmura otro invitado, con algo de miedo, para no herir susceptibilidades.
– ¡Memoria, ven aquí! –lo llamaba la dueña de la casa, pero no iba–.

– Sí, memoria –explicó el dueño de la casa, como si dibujase sobre la mesa la obvia constitución mecánica e interior de una cafetera o una fotocopidora–.

– El tigre es un animal –empezó el dueño de la casa–... hay una serie de estudios que lo comprueban, que tiene una enorme memoria; una capacidad sorprendente para no olvidar las necesidades de su pueblo, si puedo decirlo así –y se rió–.
– ¿Cómo? –pregunté asustado–.

El hecho de que el tigre no hubiera comido aún no era, como podría pensarse a primera vista, un acto provocativo del dueño de la casa, destinado a invitados poco viajados a la selva y mal acostumbrados a la convivencia con felinos desgreñados e imprevisibles; era simplemente, explicó con alguna solemnidad nuestro anfitrión, una costumbre consolidada, una costumbre que, según los cuidadores de felinos, era esencial para enseñarle quién es el dueño y quién el animal doméstico: el dueño tiene que comer primero, es una regla básica de la domesticación.

De cualquier forma, no fui yo el único que insistió en que, al ser ya casi las once de la noche, tal vez fuese un buen momento para darle comida a nuestro hermano tigre, permítanme usar esta expresión, que oscila entre el vocabulario de San Francisco y el de un programa humanista de la mañana en la televisión, en el que todos, en serie, a cada cinco minutos, sufrimos con un sujeto enfermísimo u objeto de un accidente natural fulminante que se nos presenta a través de la seducción de la pantalla

hermano tigre, sí, pero la verdad es que muchos de los demás invitados ya habían dejado de hablar de Homero para, repetidamente, llamar la atención (como quien, sin querer molestar, dice que allí, en un rincón, está empezando un incendio) a la señora de la casa y a su marido sobre ese acontecimiento, en la perspectiva negativa, que nos parecía esencial, de que el tigre

todavía no hubiera comido nada de nada; lo que, realmente, parecía cada vez más una injusticia, una asimetría poco gentil y educada.

No se trataba de preocuparnos de nosotros mismos, ¿qué preocupación puede tener un ciudadano que ya ha comido y está en una ciudad tranquila? No, los que nos preocupaban eran los otros, el Otro, el gran Otro que la filosofía, las leyes y la gentileza siempre han señalado y respetado. El Otro, en este caso, con mayúsculas, era un felino terrible y bien formado. Y sí, aún no había comido nada, y ya era tarde.

¿Qué sé yo de tigres y de la forma más científica de integrarlos en sociedad? Nada, la verdad es esa, no sé nada.

Lo cierto es que el tigre se comportó de forma impecable hasta el final de la recepción. Nos vio con ojos de ayuno tranquilo, casi santo, llenándonos –con gestos pequeños pero consecutivos y resistentes– la panza y nada, ningún gesto, ningún nerviosismo aparente; con paciencia, esperó su carne específica, que llegó bien avanzada la noche, y que, en cuanto cayó en el plato, deglutió como un guarro, y perdón por decirlo así, haciendo que desapareciera visualmente en un microsegundo, para asombro e incredulidad de los invitados al banquete, que en aquel momento admiraban el apetito del felino como quien admira una obra de arte, una pintura a la que se le quita el velo

que la había cubierto durante toda la noche y que surge con colores nunca vistos con anterioridad, por primera vez ante nuestros ojos.

– ¡Todos somos europeos! –dijo alguien, de repente, levantando la copa de champán–.

–¡¡Todos!! –gritamos, levantando las copas– ¡¡Todos, todos!!

Banquete nº 2

IMPOSIBLE NO FIJARSE. Hasta la sombra parecía susurrar, en medio de aquella masa uniforme y negra que se arrastra por el suelo, que por allí iba un hombre enfermo. Una sombra firme, erecta, espaldas bien derechas, o sea, todo normal aunque reptara, pero era como si toda la sombra estuviese teñida por un color amarillo; un color no humano ni saludable; un color de mortal que es ya más cadáver que hombre que se levanta por la mañana con energía.

– Sí, tiene la peste. Pero es un hombre excelente.

Los invitados, claro, saludaron al hombre a distancia; y él se quedó en medio del salón, en el centro exacto de un vacío.

La peste se contagia únicamente a través del contacto físico. Si tocas, te llevas la enfermedad. No es muerte segura, pero tu semana y tus domingos seguramente no serán los mismos. Afecta de inmediato a los pulmones; respirar empieza a no parecer un acto natural, humano e instintivo, sino algo que

requiere una decisión precedida por una petición casi formal: me gustaría respirar, si ustedes, pulmones, me lo permiten. La peste es realmente desagradable. Y aquel hombre tenía peste.

Había sido invitado al banquete y por ello había un respeto inherente hacia este comensal, por la importancia y distinción que significaba estar allí. Aquella no era una fiesta popular, era un banquete solemne, y el dueño de la casa no era un sujeto cualquiera que fuese solo millonario o poderosísimo políticamente. Tenía los dos atributos, las dos cualidades naturales, si así se puede llamar al poder y al dinero; pero, además, era cultísimo.

De cualquier manera, la noche estaba ya avanzada y en franco movimiento.

El invitado que tenía la peste –bajo una vigilancia disimulada, sonriente, pero implacable– fue a buscar una silla para sentarse, y todos, simbólicamente, al mismo tiempo que sonreían a una distancia sensata, marcaban con una X descomunal pero, en realidad, mental y concretamente inexistente, aquella silla: la silla que había que evitar hasta el final del simpático banquete.

Aunque, claro, la peste no era lo esencial. Lo esencial, dijo alguien, está en unas líneas de Goethe.

Una frase que, dígame ya, no gozó del acuerdo general.

Pero, de repente, las diferentes conversaciones de los invitados, que se habían ido juntando de dos en dos, de tres en tres

o, como máximo, de cuatro en cuatro, se paralizaron. En ese momento entraba por fin en el salón nuestro ilustre anfitrión (quien nos había recibido era su esposa, que tenía un poco de tos, pero era guapa). En cuanto el gran hombre entró en el salón, mi amigo, que vivía desde hacía mucho en la bellísima e higiénica ciudad de Luxemburgo, me susurró al oído:

– También tiene peste.

Y añadió, siempre en un tono íntimo en que las palabras solo recorrían unos centímetros del espacio vacío entre boca y oído:

– Mira las ampollas que están a punto de reventarle en la frente, dos, tres, ¿las ves? Tiene la peste.

Heinrich, así se llamaba el hombre, exclamó un seductor:

¡Bienvenidos!

y, con una alegría contagiosa, dio la mano a cada uno de los invitados, que correspondieron con vigorosos apretones e incluso algunos abrazos familiares. Le di la mano con alegría y convicción, agradeciéndole, con una ligera curvatura de cuerpo entero, su amable invitación.

– Qué casa tan bonita –le dije–.

Él agradeció mi gentileza.

Hablamos toda la noche de Europa, la cultura europea, las leyes europeas, la tolerancia europea, la historia europea, los hombres europeos y su energía, las mujeres europeas y su energía.

La simpatía de Heinrich, nuestro anfitrión, era contagiosa; su elocuencia contaminaba por entero la conversación; la forma como nos tocaba cariñosamente la mano cuando quería dirigir nuestra atención hacia una conclusión sorprendente, una especie de aforismo verbal que sintetizaba las discusiones de un pequeño grupo de comensales o incluso de toda la mesa, nos infectaba a todos, a todos los que tocaba con su mano generosa, tocados con una intimidad que es raro encontrar en una ciudad tan fría como Luxemburgo. Contagiados, infectados, contaminados, nos despedimos eufóricos por el vino que había circulado con abundancia durante toda la noche alrededor de nuestro sistema interno, seduciéndonos primero fuera del cuerpo, en bandejas, y que ahora aprisionábamos, no para siempre, sino por un tiempo, en nuestras circulaciones orgánicas. Nos despedimos, así, todos los comensales los unos de los otros, con largos abrazos ya familiares, a los que no escapó el pobre invitado que había quedado excluido desde el principio.

– ¡Todos somos europeos!, dijo entonces alguien, como celebrando aquel banquete modesto, sincero, sin reservas, en el que la peste había sido por fin aceptada entre nosotros, como una más.

– No podemos olvidar que la peste es europea, siempre lo ha sido. Aquí brotó, aquí hizo su primera aparición.

Y sí, nosotros, los europeos, siempre hemos sido así: nos importan la historia y la memoria.

Banquete nº 3

SE CUENTA que en una ocasión la escritora Clarice Lispector invitó a cenar a varios amigos, escritores, cantantes, etc. Y que, una vez allí, en casa de Clarice, y en cuanto se habían sentado, ella propuso, de repente:

– ¿Hablamos de la muerte?

Y así lo hicieron. Hablaron toda la noche de ese tema. Al acabar la velada, se despidieron de Clarice y ya fuera, en la calle, bajo el bello cielo negro y cálido de Brasil, constataron, mirándose los unos a los otros y mientras sentían una ligera llamada del estómago, que no habían cenado.

Pues fue algo parecido lo que nos pasó.

Invitados a una cena, pero no había comida.

– ¿Hablamos de Europa?

Fue la propuesta, antes de nada. No había aperitivos.

En cierto momento, Europa estaba analizada de arriba a abajo, como una red, como una tabla con líneas y columnas: no había piedra, animal, planta o sujeto europeo con más de seis semanas que no hubiese merecido nuestra generosa atención y disertación.

De repente, la una de la mañana y todos se callaron. Nos miramos los unos a los otros, los comensales.

Teníamos hambre.

Una mirada cómplice entre dos invitados concentrados en la expresión maravillada de la dueña de la casa, que aún sugería que hablásemos de la tolerancia europea en la Edad Media, fue el presagio de una acción rápida.

Atacaron de golpe a la dueña de la casa y la ataron con una cuerda que otros comensales habían conseguido encontrar, quién sabe dónde.

Después, de repente, alguien gritó:

– ¡La comida está en la caja fuerte!

Y allí estaba.

Porque aquí fuera, nada. En la cocina, en la mesa de la cocina, un mantel precioso, verde y blanco, pero ningún alimento; ni migas: el frigorífico era un armario frío y vacío. Como mirar un paralelepípedo de hielo en pleno polo norte. En la despensa había libros (Historia europea, ¿Qué es un europeo?); en las habitaciones, encontrar una galletita sería algo que iría contra todas las exigencias higiénicas de aquella ciudad.

– ¡La comida está en la caja fuerte! –gritó alguien, de nuevo– y ahora el grito era semejante al de 1789:

– ¡A la Bastilla! ¡A la Bastilla!

Avanzamos entonces hacia la Mini-Bastilla con todo el ímpetu y las herramientas revolucionarias que teníamos. Uno de los invitados parecía tener una larga experiencia en forzar cajas fuertes o, al menos, daba esa impresión. Fue él quien, entre brocas y alicates, fundió una parte del mecanismo de la cerradura y, finalmente, con la ayuda de una pequeña bomba

artesanal –que, por lo visto, llevaba siempre bajo su elegante abrigo otro de los invitados– consiguió abrir la caja.

La caja, que parecía una fortaleza inexpugnable, estaba realmente llena de comida, de arriba a abajo, de abajo a arriba, comida de lo más variado. Lo que vino después fue un banquete histórico, podríamos decir. Comimos como hacía mucho que no se atrevían a hacerlo ocho europeos invitados a cenar fuera.

Banquete nº 4

ERA EL ÚNICO POBRE del banquete y era evidente, puesto que todos estaban alrededor de aquel sujeto, intentando ayudarlo como si los minutos siguientes fuesen decisivos para su existencia o como si en verdad aquel sujeto no fuese un pobre, sino un hombre que acababa de ser rescatado en alta mar tras naufragar en una tempestad maligna y nos hubiesen llamado con urgencia a nosotros, los demás invitados al banquete, para hacerle la respiración boca a boca a un hombre que había estado demasiado tiempo debajo del el mar. La verdad es que era realmente así, parecía que los invitados eran socorristas en puro espacio sólido por todos lados, tanto en el centro como alrededor, y aquel señor pobre que había sido invitado al banquete de improviso (¡todos somos europeos!, murmuró el dueño de la casa)

estuviese en los últimos mililitros (creo que será esta la unidad de medida) de oxígeno que aún lo unían a la vida.

En verdad, el pobre ya le había dado un primer golpe a uno de los socorristas más aguerridos porque allí, en los momentos previos al banquete, mientras los comensales, todavía en pie, charlaban, él ya mostraba claros signos de asfixia, dada la multitud de europeos dispuestos a ayudarlo que había a su alrededor. Los puñetazos empezaron por puro instinto de supervivencia del pobre que, repentinamente, sin sorpresas, exigió respirar, pidió espacio, al menos unos centímetros entre las treinta manos que querían confraternizar con él y su cuello; en fin, todo lo que parecía de buena fe, treinta brazos de buena fe y un único pobre, se transformó en poco tiempo en una falta de delicadeza que se convirtió en improprios y puñetazos por ambas partes.

El hombre pobre acabó apaleado porque allí, evidentemente, en aquel contexto, el desequilibrio era notorio.

Había sangre en el suelo, pero, tras acercarse y confirmarlo, alguien dijo:

– Todavía respira

y por eso aún debería ser considerado y tratado como un invitado.

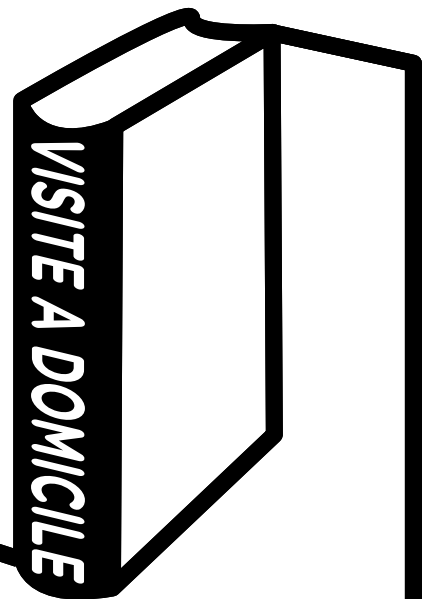
Aunque en el suelo, caído, inmóvil, el pobre seguía respirando de forma humana y viva; y si todos los comensales se sentaron y se abalanzaron sobre la comida que los esperaba, no dejaron, debe decirse, de preocuparse por mantener una silla vacía, por si el hombre se recuperaba.

En la mesa, conmigo, había catorce hombres y mujeres extraordinariamente interesados por la cultura europea, una silla vacía y, a unos cuatro metros de la cabecera de la mesa, más o menos a espaldas del dueño de la casa, un cuerpo caído que nunca, en ningún momento de nuestra animada discusión sobre la imposibilidad de traducir poesía, olvidamos.

El hecho de que no supiésemos su nombre no le restaba importancia.

Traducido del portugués por
ANTONIO SÁEZ DELGADO

**Francfort-
sur-le-Main
Luxembourg**



Quatre banquets (Europe)

Banquet n° 1

JE M'ASSIEDS ; à côté de moi, l'Européen hospitalier. En guise d'animal domestique, malgré son haleine sur mon bras hautement vulnérable et civilisé, un tigre ; pas le plus grand qui soit, mais un tigre, tigre des pattes jusqu'au mufle ; créature qui m'était toujours apparue comme très sauvage dans les films, mais qui là, celui-ci en particulier, m'assura le maître des lieux, était un mammifère individuellement pacifiste.

— Ce n'est qu'en groupe qu'ils sont dangereux, me dit-il. Un peu comme les humains...
Puis il partit d'un grand éclat de rire.

Bien, il convenait donc désormais d'essayer de se décontracter, à savoir : le poids total de l'ensemble fesses-tête-jambes-

buste doit reposer sur la chaise comme s'il s'agissait d'un élément aérien transporté à bord d'une immense et indolente montgolfière venant d'atterrir paisiblement. Autrement dit, se décontracter, au plan musculaire, c'est cela même : faire en sorte que tout le poids, chaque gramme, s'en remette complètement au sol, quand bien même ce sol serait provisoire et très légèrement au-dessus du niveau de la mer – une chaise. D'un autre côté, le fait d'avoir peur, encore qu'il n'abolisse pas la loi de la gravité, omniprésente compagne, à l'intérieur, au plus profond de l'intime et de l'organique, empêche au moins le corps de s'abandonner entièrement au repos ; avoir peur, c'est résister, élever ce qui peut encore l'être dans la chute, même si ce n'est qu'intérieurement – maintenir bandés et attentifs plus de muscles que ceux qui s'affaissent dans l'endormissement. Ainsi, entre la décontraction et la mise sous contrôle de la panique, il y avait encore, dans ces premiers instants, la distance d'un marathon sensoriel ; étant entendu que le maître des lieux faisait tout pour réduire cet espace, cet écart. Pour résumer, j'étais tendu et j'avais peur.

— Si vous ne vous sentez pas à l'aise avec les tigres, je peux le faire enfermer dans la chambre, me dit-il, attentionné. Et d'ajouter... dans la chambre des enfants.

Et au moment où mon hôte précisa *dans la chambre des enfants*, il me sembla deviner, à la commissure de ses lèvres très

sobres et francfortoises, un muscle, un seul, sarcastique ou peut-être même sadique, qui sait ? Comment lire, interpréter, faire l'exégèse approfondie d'un muscle mineur dans la vaste et très agitée ville de Francfort ? Que peut un muscle, pourrait-on demander, que révèle un muscle ?

Eh bien, si, en l'occurrence, le maître des lieux semblait ni plus ni moins exiger de ma part une décision d'empereur romain : qui sera mis en danger de mort ? Qui en sûreté ?

Car c'était comme s'il avait dit : si vous ne vous sentez pas tranquille avec mon tigre docile et presque agricole, seigneur animal paisible et rustique, si vous ne vous sentez pas serein, je le fais enfermer dans la chambre où jouent les enfants ; avec le risque, qui existe, on le sait, chaque fois qu'on met ensemble des tigres et des enfants, que n'éclate une dispute incompréhensible et injustifiée qui finit mal pour l'enfance et pour l'harmonie du monde.

Suis-je ou non suffisamment à distance de la compassion que pourraient m'inspirer des inconnus pour mettre en danger les jeux de demain de beaux enfants francfortois ? Ma réponse est *yes, sí*.

Je le remerciai, donc, et répondis simplement :
— Oui, je veux bien.

Paroles recouvertes d'un voile, qui semblaient remplacer un cri sincère que j'évitais de lâcher dans cette salle à manger si sympathique de Francfort ; le véritable cri que, bien sûr, étant donné ma sobriété, je ne dévoilais pas.

— Oui, je souhaite manger et ne pas être mangé !!! S'il vous plaît, envoyez le tigre dans la chambre des enfants !! Au milieu des jeux des enfants ! Je veux pouvoir me détendre !!

Il est évident qu'à Francfort les tigres ne sont pas très bien vus ; ils sont victimes d'un certain préjugé, dirons-nous. Cependant, il existe à Francfort comme dans un grand nombre de villes européennes – de même que le costume-cravate, les bonnes manières, l'éducation sophistiquée, la tolérance, la façon dont la phrase *nous sommes tous égaux* ne s'applique plus seulement aux hommes depuis longtemps mais aussi aux animaux et aux plantes (les minéraux attendent encore que le regard civilisé se porte sur eux), les animaux sont tous égaux, nous devons les comprendre, les plantes méritent toutes de l'eau et du soleil, ne soyons pas injustes –, il existe, donc, ce nouvel oxygène, que l'on désignera certainement plus tard comme l'oxygène de la seconde décennie du XXI^e siècle, et que l'on nomme pour l'instant, bien inconsiderément, dans les cafés populaires, le « politiquement correct ».

— Dans le fond, un tigre est un animal comme les autres. Quelle différence entre un tigre et un chien ? C'est vrai, nous sommes tous d'accord. Quelle différence ?

Et, de fait, oui, deux fois oui : nous voilà, hôtes qui plaçons la délicatesse au-dessus des Droits de l'Homme, en train d'essayer de concentrer toute notre attention sur un extraordinaire dessert confectionné avec différents fruits, ananas, pêche, un fruit rouge – fruit communiste, ainsi que le murmura quelqu'un au milieu de sourires dotés d'une claire conscience historique de certaines dates significatives, s'il est rouge c'est un gâteau de 1917 ; 1917, quelle tragédie, un gâteau fort ancien ! –, avec aussi du chocolat fondu et ça et là de la crème gélatineuse, nous voilà donc en train d'essayer d'oublier des milliers d'années pendant lesquelles la sensation de gourmandise entrait sans cesse en collision avec la très pesante sensation primaire de la peur ; nous voilà donc en train d'essayer de rappeler tous les vestiges de la gourmandise (quel délice, le chocolat, la crème !) sur la table afin d'oublier l'haleine du tigre qui se trouve à moins de deux mètres de nous (car, très démocratiquement, par un vote à main levée, la communauté finement éduquée réunie pour le banquet avait décidé que non, nulle espèce animale n'en serait exclue. Et que si une chienne miniature, que ses propriétaires appelaient *Syntaxe*, j'ignore pourquoi – tiens, voilà *Syntaxe*, elle est vraiment minuscule ! –, pouvait se promener dans les pa-

rages, sans aucune restriction, le tigre avait le droit lui aussi de ne pas être relégué dans la chambre des enfants ; il avait le droit, disons, de partager organiquement la compagnie d'êtres vivants adultes).

— Et comment s'appelle le tigre ? demanda quelqu'un.

— Mémoire, répondit le maître des lieux.

Mémoire !

Oui, sans raison évidente, ce nom effrayait plus encore que ses dents clairement faites pour croquer des invités imprévoyants et distraitements désarmés, des dents capables de déchieter toute matière qui résisterait et appellerait au secours.

— Mémoire ! Quel nom étrange, lança un autre invité légèrement apeuré, en murmurant afin de ne froisser aucune susceptibilité.

— Mémoire, au pied ! appelait la maîtresse de maison, mais le tigre ne venait pas.

— Oui, Mémoire, expliqua le maître des lieux, comme s'il dessinait sur la table l'évidente constitution mécanique intérieure d'une machine à café ou d'un photocopieur. Le tigre est un animal – une série d'études en a apporté la preuve – doté d'une mémoire exceptionnelle, d'une capacité hors du commun à ne pas oublier les besoins de son peuple, si je puis m'exprimer de la sorte.

Et il se mit à rire.

— Comment ? demandai-je, effrayé.

Le fait que le tigre n'ait pas encore mangé n'était pas, comme on aurait pu le croire *a priori*, une provocation de la part du maître des lieux à l'égard d'invités peu habitués à voyager dans la savane et à cohabiter avec des félins efflanqués et imprévisibles ; c'était simplement, expliqua quelque peu solennellement notre hôte, une habitude à laquelle il se tenait fermement, une habitude qui, selon les spécialistes ès félins, était essentielle pour montrer clairement qui était le maître et qui était l'animal domestique : le maître doit manger en premier, c'est une règle de base de la domestication.

Quoi qu'il en soit, je ne fus pas le seul à insister pour défendre l'idée, dans la mesure où il était déjà presque onze heures du soir, que le moment était sans doute venu de nourrir notre frère tigre, si l'on me passe l'expression – une expression balançant entre le vocabulaire de Saint François et celui d'une émission humaniste passant le matin à la télé, pendant laquelle nous souffrons successivement, toutes les cinq minutes, avec tel grand malade ou telle victime d'une catastrophe naturelle terrifiante, que nous présente l'écran séducteur. Frère tigre, oui, mais le fait est que nombre d'invités avaient déjà cessé depuis longtemps leurs conversations sur Homère pour, à plusieurs reprises, attirer l'attention (comme

quelqu'un qui, sans vouloir déranger, prévient qu'un incendie vient de se déclarer, là, au coin de la maison) de la maîtresse des lieux et de son mari sur cet événement non avenu, qui nous semblait finalement essentiel : le tigre n'avait encore rien mangé, rien du tout ; ce qui ressemblait réellement de plus en plus à une injustice, une asymétrie guère aimable, une impolitesse.

Nous n'étions pas inquiets pour nous-mêmes, quelle inquiétude pourrait avoir un citoyen déjà nourri et qui se trouve dans une ville paisible ? Non, ce qui nous inquiétait, c'étaient les autres, l'Autre, le grand Autre que la philosophie, les lois et l'amabilité ne manquent jamais de signaler et de respecter. L'Autre, avec une majuscule, était en l'occurrence un terrible félin bien bâti. Et, en effet, il n'avait encore rien mangé, et il se faisait tard.

Que sais-je des tigres, et de la façon la plus scientifique de les intégrer socialement ? Rien, voilà la vérité, je n'en sais rien. Ce qui est certain, c'est que le tigre se comporta impeccablement jusqu'à la fin de la réception. Il nous regarda de ses yeux de jeûneur tranquille, presque saint, nous remplir la panse – avec des gestes mesurés mais consécutifs et résolus – et rien, pas le moindre mouvement, pas la moindre nervosité apparente. Patiemment, il attendit sa viande particulière qui lui arriva alors que la soirée était déjà fort avancée et qu'à peine

servie dans son assiette il engloutit rustaudement – on me pardonnera le recours à ce terme –, la faisant disparaître visuellement en une microseconde, provoquant stupéfaction et incrédulité chez les convives réunis pour le banquet, qui admirèrent l'appétit du félin comme on admirerait une œuvre d'art, une peinture dont on retirerait le voile l'ayant recouverte toute la nuit et qui apparaîtrait avec des couleurs jamais vues jusque-là.

— Nous sommes tous européens ! lança subitement quelqu'un, en levant son verre de mousseux.

— Tous européens !! reprîmes-nous en chœur, en levant nos verres. Tous, tous !!

Banquet n° 2

IMPOSSIBLE DE NE RIEN REMARQUER. Même l'ombre paraissait susurrer, au milieu de cette chose uniforme et noire qui se traînait à terre, que c'était un homme malade qui s'avancait là. Une ombre ferme, dressée, le dos bien droit, autrement dit parfaitement normale bien que rampante, et pourtant c'était comme si l'ombre tout entière était baignée d'une couleur jaune ; une couleur ni humaine ni saine ; une couleur de mortel qui est déjà bien plus un cadavre qu'un homme se levant le matin plein d'énergie.

— Oui, il a la peste. Mais c'est un homme très bon.

Les invités, évidemment, saluèrent l'homme de loin ; et lui resta au centre de la salle, exactement au centre d'une clairière.

La peste se transmet exclusivement par le contact physique. Si tu touches, tu emportes la maladie avec toi. Ce n'est pas la mort assurée, mais ta semaine et tes dimanches ne seront certainement plus les mêmes. Elle affecte immédiatement les poumons ; bientôt, respirer n'a plus l'air d'être un acte naturel, humain et instinctif, mais plutôt quelque chose qui requiert une décision précédée d'une demande presque formelle : j'aimerais respirer, si vos excellences, les poumons, m'y autorisent.

La peste est, de fait, désagréable. Et cet homme avait la peste. Il avait été invité au banquet, ce qui en faisait un convive important et distingué, qui méritait à ce titre d'être respecté. Il ne s'agissait pas d'une fête populaire mais d'un banquet solennel, et le maître des lieux n'était pas un individu quelconque, simple millionnaire ou personnalité politique particulièrement influente. Il avait les deux attributs, les deux qualités naturelles, si l'on peut désigner de la sorte le pouvoir et l'argent, mais par surcroît il était extrêmement cultivé.

Quoi qu'il en soit, la fête, fort animée, battait son plein.

L'invité qui avait la peste – objet d'une surveillance discrète, souriante, mais implacable – alla chercher une chaise pour s'asseoir, et tous, symboliquement, en même temps qu'ils souriaient à distance par précaution, inscrivaient une énorme

croix, mais mentalement et sans qu'elle ait une existence concrète, sur cette chaise qu'il leur faudrait éviter jusqu'à la fin de ce sympathique banquet.

Mais, bien sûr, la peste n'était pas l'essentiel. L'essentiel, dit quelqu'un, se trouve dans quelques lignes de Goethe.

Une phrase qui, précisons-le, ne recueillit pas l'assentiment général.

Subitement, les nombreuses conversations entre les invités qui s'étaient regroupés par deux, trois ou quatre au maximum, s'interrompirent.

C'est qu'à cet instant notre hôte illustre venait enfin de faire son entrée dans la salle (nous avions été accueillis par son épouse qui toussait un peu, mais était charmante).

Dès que le grand homme pénétra dans la salle, mon ami, qui habitait depuis longtemps la très belle et hygiénique ville de Luxembourg, me murmura à l'oreille :

— Lui aussi a la peste.

Et il ajouta, toujours sur un ton de confiance, ses mots ne parcourant que quelques centimètres dans cet espace vide qui séparait sa bouche de mon oreille :

— Regardez les cloques qui éclatent déjà sur son front, deux, trois, vous les voyez ? Il a la peste.

Heinrich, ainsi s'appelait l'homme, lança un séducteur « Soyez les bienvenus ! » et, avec une joie contagieuse, tendit la main à chacun des invités, qui lui répondirent par de vigoureuses poignées de main et il y eut même quelques accolades familières. À mon tour, je lui serrai la main avec allégresse et conviction, et le remerciai, en m'inclinant légèrement de tout mon corps, pour sa sympathique invitation.

— Quelle belle maison, dis-je.

Il me remercia de mon amabilité.

Nous parlâmes toute la soirée de l'Europe, de la culture européenne, des lois européennes, de la tolérance européenne, de l'histoire européenne, des hommes européens et de leur énergie, des femmes européennes et de leur énergie.

La sympathie de Heinrich, notre hôte, était contagieuse ; son éloquence contaminait toute la conversation ; la façon qu'il avait de poser affectueusement sa main sur la nôtre lorsqu'il réclamait toute notre attention pour une conclusion inattendue, une espèce d'aphorisme synthétisant les discussions d'un petit groupe de convives ou même de la tablee tout entière, infectait chacun de nous, chacun de ceux qu'il touchait de sa main généreuse, avec une intimité qui se voit rarement dans une ville aussi froide que Luxembourg. Contagionnés,

infectés, contaminés, nous primes congé, euphoriques sous l'effet du vin qui avait abondamment circulé durant la soirée autour de notre système interne, nous avait séduits d'abord à l'extérieur du corps, sur des plateaux, et que nous retenions maintenant prisonnier, pas pour toujours mais pour un certain temps, dans nos circuits organiques. Tous les convives prirent ensuite congé les uns des autres, avec force accolades familières, auxquelles n'échappa pas ce pauvre invité qui avait été exclu en début de soirée.

— Nous sommes tous européens ! lança alors quelqu'un, comme pour célébrer ce banquet honnête, sincère, sans réserve, où la peste avait finalement été acceptée parmi nous, comme l'une des nôtres.

— Il ne faut jamais oublier que la peste est européenne, elle l'a toujours été. C'est ici qu'elle a fait sa première apparition.

Oui, nous autres Européens avons toujours été comme ça : l'histoire et la mémoire nous importent.

Banquet n° 3

ON RACONTE QUE l'écrivain Clarice Lispector invita un jour des amis, auteurs, chanteurs, etc., à dîner. Arrivés chez elle,

ils eurent à peine le temps de s'asseoir qu'elle leur fit cette proposition :

— Et si nous parlions de la mort ?

Ils en parlèrent, en effet. Ils ne parlèrent même que de cela. La soirée terminée, ils saluèrent Clarice et ce n'est qu'une fois sortis, sous le beau ciel noir et chaud du Brésil, qu'ils prirent conscience, en se regardant les uns les autres et en sentant un léger appel de leur estomac, qu'ils n'avaient pas dîné.

Eh bien, c'est une chose semblable qui se produisit en d'autres circonstances.

Une invitation à dîner, mais il n'y avait rien à manger.

— Et si nous parlions de l'Europe ?

Telle fut la proposition, avant toute chose. Il n'y avait pas d'apéritifs.

Au bout d'un certain temps, l'Europe se trouva analysée de haut en bas, comme une grille, comme un tableau avec lignes et colonnes : pas une pierre, pas un animal, pas une plante ni un seul individu européen de plus de six semaines qui n'ait été l'objet de notre généreuse attention et de nos discours.

Tout d'un coup, une heure du matin ; tout le monde se tut.

Nous nous regardâmes, nous autres invités.

Nous avions faim.

Un coup d'œil complice entre deux convives concentrés sur l'expression encore émerveillée de la maîtresse de maison, qui nous suggérait de poursuivre en parlant de la tolérance

européenne au Moyen Âge, fut le signe annonciateur d'une action éclair.

Ils se ruèrent subitement sur la maîtresse de maison et la ligotèrent avec une corde que les autres convives avaient réussi à dénicher on ne sait où.

Puis, soudain, quelqu'un cria :

— Toute la nourriture est dans le coffre !

Et c'était bien le cas.

Car, à l'extérieur, rien. Dans la cuisine, sur la table, une nappe splendide, verte et blanche, mais aucun aliment, pas la moindre miette : le réfrigérateur était un placard froid et vide. Autant regarder un parallélépipède de glace au pôle Nord. Le garde-manger ne contenait que des livres (*Histoire européenne, Qu'est-ce qu'un Européen ?*) ; et pas le plus petit gâteau dans les chambres – c'eût été bafouer les exigences hygiéniques de cette ville.

— La nourriture est dans le coffre ! cria de nouveau quelqu'un.

Un cri semblable à celui de 1789 :

— À la Bastille ! À la Bastille !

Nous marchâmes alors sur la mini-Bastille, avec toute notre fougue et nos outils révolutionnaires. L'un des invités avait une riche expérience d'ouvreur de coffres, c'est du moins l'impression qu'il donnait. Avec des forets et des pinces, il fit céder une partie du mécanisme de fermeture et, pour finir, à l'aide d'une petite bombe artisanale – apparemment, un autre

invité en avait toujours une avec lui, sous son pardessus élégant –, parvint à ouvrir le coffre.

Le coffre, qui avait l'air d'une forteresse inexpugnable, était bel et bien rempli de nourriture, de haut en bas, de bas en haut, des mets les plus variés. Il s'en suivit un banquet historique, dira-t-on. Nous mangeâmes comme n'avaient pas osé le faire depuis fort longtemps huit Européens invités à dîner en ville.

Banquet n° 4

IL ÉTAIT LE SEUL PAUVRE à ce banquet et c'était parfaitement visible car tout le monde l'entourait pour essayer de l'aider, comme si les prochaines minutes devaient être décisives pour son existence, ou comme si en vérité cet être n'était pas un pauvre mais un homme tout juste sauvé d'un naufrage en haute mer suite à une tempête perfide, et que nous, les autres invités au banquet, avions été appelés en urgence pour faire le bouche-à-bouche à cet homme resté trop longtemps sous l'eau. En fait, c'était exactement cela, on aurait dit que les convives étaient des maîtres nageurs sauveteurs dans un pur espace solide de tous les côtés, au centre comme autour, et que ce monsieur pauvre, invité de manière imprévue au banquet (« nous sommes tous européens ! » avait murmuré le maître des lieux), en était aux derniers millilitres (je pense

que c'est l'unité de mesure adéquate) d'oxygène qui le maintenaient encore en vie.

En réalité, le pauvre avait déjà donné son premier coup de poing à l'un des secouristes les plus aguerris car, juste avant le banquet, alors que les convives, encore debout, étaient en train de converser, il était déjà sur la voie de la suffocation ultime, étant donné la foule d'Européens massés autour de lui, disposés à l'aider. La bagarre commença donc par pur instinct de survie du miséreux qui, soudain, sans surprise, exigea de pouvoir respirer, demanda de l'espace, quelques centimètres au moins entre les trente mains qui voulaient fraterniser avec lui et son cou ; pour finir, ce qui avait l'air de n'être que bonne volonté, trente bras de bonne volonté et un seul pauvre, vira bien vite à l'indélicatesse sautant à pieds joints dans l'échange d'insultes entre les deux camps et à la bagarre.

L'homme pauvre finit roué de coups car, évidemment, vu les circonstances, la situation était par trop déséquilibrée.

Il y avait du sang sur le sol ; cependant, après s'être approché de lui pour vérifier, quelqu'un dit :

— Il respire toujours.

Raison pour laquelle il devait encore être considéré et traité comme un invité.

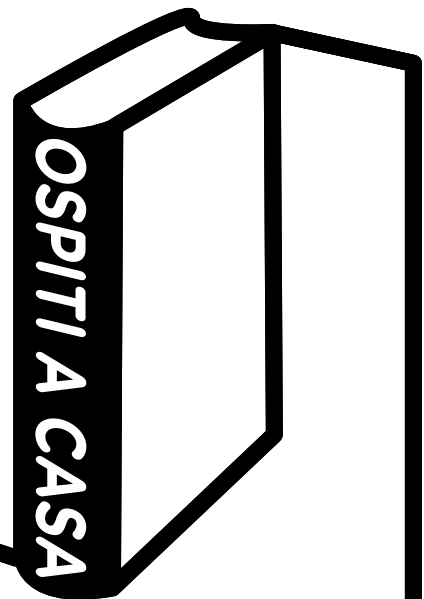
Bien que gisant à terre, immobile, le pauvre continuait donc de respirer d'une manière humaine et vivante ; et si tous les convives s'assirent et commencèrent le repas qui les attendait, ils n'omirent pas, soulignons-le, de prendre soin de laisser une chaise vide, au cas où l'homme parviendrait à retrouver ses esprits.

Autour de la table, il y avait donc moi-même, ainsi que quatorze hommes et femmes manifestant le plus grand intérêt pour la culture européenne, une chaise vide et, à environ quatre mètres du haut bout, plus ou moins dans le dos du maître des lieux, un corps effondré qui, à aucun moment de notre discussion animée sur l'impossibilité de traduire la poésie, ne fut oublié.

D'ailleurs, nous avons beau encore ignorer son nom, nous ne manquions pas pour autant de lui accorder de l'importance.

Traduit du portugais par
DOMINIQUE NÉDELLEC

**Francoforte
sul Meno
Lussemburgo**



Quattro Banchetti (Europa)

Banchetto n° 1

MI SIEDO; accanto a me, l'ospitale europeo. Come animale domestico, espirando proprio appoggiato al mio braccio civilizzato e del tutto privo di protezione, una tigre; non delle più grandi, ma pur sempre una tigre, dal muso alle zampe; un elemento che avevo sempre conosciuto nei film come molto selvaggio, ma che lì, e quello in particolare, mi garantisce in modo neutro il padrone di casa, è un mammifero individualmente pacifista.

«Solo in gruppo sono pericolosi» mi dice il padrone di casa... «un po' come gli umani» aggiunge, e si mette poi a ridere a crepapelle.

Sì, certo, si tratta, a partire da quel momento, di cercare di rilassarsi, ossia: il peso del sedere, più la testa, le gambe e il

tronco, deve posare sulla sedia come se fosse il frutto dell'atterraggio tranquillissimo di un elemento aereo sostenuto da un pallone grandissimo e lento, ossia, rilassarsi a livello muscolare, ecco: lasciare che tutto il peso, ciascun grammo, si consegna totalmente al suolo, anche se questo è un suolo temporaneo e un po' più alto del livello del mare - una sedia. E, d'altra parte, per quanto avere paura non sospenda quella fedele compagna che è la legge di gravità, perlomeno internamente, a livello proprio intimo e organico, non lascia l'intero corpo in un riposo abbandonato; avere paura, infatti, è resistere, far salire ciò che nella caduta ancora si permette, sebbene soltanto in forma interna - mantenere eretti e vigili più muscoli di quelli che si lasciano cadere nell'intorpidimento. E perciò, tra rilassarsi e controllare il panico, in quegli istanti iniziali c'era ancora una distanza da maratona sensoriale, pur con la certezza che il padrone di casa stava facendo di tutto per diminuire questo spazio, questa differenza. Insomma, io ero teso e avevo paura.

«Se non si sente a suo agio con le tigri, posso chiuderla in camera» mi ha detto in modo premuroso. E ha aggiunto: «... nella camera dei bambini.»

E nel momento in cui il mio ospite dice

Nella camera dei bambini

credo di indovinare, lì, all'angolo di quelle sue labbra perfetta-

mente sobrie e francofortesi, un muscolo, un unico muscolo, sarcastico o forse sadico, chi lo sa? Come leggere, interpretare, fare un'esegesi profonda di un muscolo minimo nella vasta e frenetica città di Francoforte? Cosa può un muscolo, ci si potrebbe domandare? Cosa dice un muscolo?

Ebbene, sì: il padrone di casa sembrava mettermi fondamentalmente di fronte ad una decisione da imperatore romano: chi sarà in pericolo di vita? E chi salvo?

Perché era quasi come se avesse detto: se lei non si sente tranquillo con la mia tigre, docile e quasi contadina, un signor animale pacato e della zona, se lei non si sente disteso, la chiudo nella camera dove giocano i bambini; con il rischio, che esiste, lo si sa già, ogni volta che mettiamo insieme tigri e bambini, di far nascere un'incomprensibile e ingiustificata discussione destinata a finire male per l'infanzia e per l'armonia del mondo.

Sono o non sono sufficientemente distante dalla compassione verso chi non conosco da mettere a rischio i giochi di domani dei bei bambini di Francoforte? La mia risposta è *yes, oui*.

Dunque, ringrazio e rispondo semplicemente
Sì, può essere

parole coperte da un velo, che fundamentalmente paiono sostituire un grido sincero che evito di cacciare in questa sala così simpatica di Francoforte; il grido vero che, chiaro, data la mia sobrietà, non rivelo è:

«Sì, voglio mangiare in pace e non voglio essere mangiato!!!
Per favore, metta la tigre nella camera dei bambini! In mezzo ai giochi dei bambini! Voglio rilassarmi!»

È evidente che a Francoforte le tigri non sono molto ben viste; c'è un certo pregiudizio, diciamo. Tuttavia, proprio a Francoforte, come in gran parte delle città europee, il vestito e la cravatta, le buone maniere, l'educazione dettagliata, la tolleranza, il modo in cui, già da tempo, la frase *siamo tutti uguali* è passata dall'essere applicata agli uomini per passare agli animali e alle piante (i minerali aspettano ancora che lo sguardo civilizzato li raggiunga) gli animali sono tutti uguali, dobbiamo comprenderli, le piante – tutte – meritano acqua e sole, non siamo ingiusti; insomma, la città era sotto questo nuovo ossigeno che in tempi di là da venire si classificherà certamente come l'ossigeno del secondo decennio del ventunesimo secolo, quello a cui, nei caffè popolari, si dà frettolosamente il nome di politicamente corretto.

«In fondo, una tigre è un animale come un altro. Qual è la differenza fra la tigre e il cane?»

Sì, siamo tutti d'accordo. Qual è la differenza?

E, infatti, sì e poi sì: noi invitati per i quali la delicatezza è al di sopra dei Diritti dell'Uomo, siamo lì a tentare di indirizzare tutta la nostra attenzione verso un dolce insolito che mescola frutta, ananas, pesca, un frutto rosso – frutto comunista, come qualcuno ha mormorato tra sorrisi ben coscienti di date importanti, se è rosso è un dolce del 1917 «1917, che tragedia, che dolce antico!» – e pure cioccolato sciolto e qualche pizzico di una crema gelatinosa, siamo lì, dunque, tentando di dimenticare millenni di anni in cui la sensazione della gola è sempre stata sopraffatta dalla pesantissima sensazione primaria della paura; siamo lì, allora, a tentare di richiamare sopra il tavolo tutte le vestigia della gola (cioccolato e crema, che delizia!) così da dimenticarci il fiato della tigre a meno di due metri da noi (perché, in effetti, in modo molto democratico, con il voto peralzata di mano, l'educatissima comunità del banchetto aveva deciso di no, che non si sarebbe esclusa una specie animale a scapito dell'altra. E se da quelle parti si portava a spasso un mini cane che i padroni designavano *sintassi*, perché non so, «ecco che arriva sintassi! com'è piccola!»

se da quelle parti si portava a spasso un cane, senza alcuna restrizione, anche la tigre aveva diritto a non essere sistemata nella camera insieme ai bambini; aveva diritto, diciamo, alla

convivenza organica tra esseri viventi adulti).

«E come si chiama la tigre?»», domanda qualcuno.

«Memoria», risponde il padrone di casa.

Memoria!

E sì, senza una ragione evidente, quel nome spaventava ancora più dei denti fatti apposta per tranciare invitati incauti e distrattamente inermi, denti atti a distruggere in un solo colpo qualunque materia che resista e che chieda aiuto,

«Memoria, che strano nome», mormora un altro invitato, un po' timidamente, per non ferire suscettibilità.

«Memoria, vieni qua!» la chiamava la padrona di casa, ma quella non veniva.

«Sì, memoria» ha spiegato il padrone di casa, come se disegnasse sul tavolo l'ovvia costituzione meccanica e interna di una macchina per il caffè o le fotocopie.

«La tigre, c'è una serie di studi che lo prova» ha cominciato il padrone di casa «è un animale che ha un'enormissima memoria; un'insolita capacità di non dimenticare le necessità del suo popolo, se così mi posso esprimere» e si è messo a ridere. «Come?» ho chiesto spaventato.

Il fatto che la tigre non avesse ancora mangiato non era, come si potrebbe pensare di primo acchito, un atto provocatorio del padrone di casa nei confronti degli invitati con poca esperien-

za di viaggi nella foresta e mal abituati alla convivenza con felini sciroccati e imprevedibili; era semplicemente, l'ha spiegato con una certa solennità il nostro ospite, una ferma abitudine, un'abitudine che, secondo quelli che si occupano di felini, era essenziale per mostrare chi è il padrone e chi l'animale domestico: il padrone deve mangiare per primo, è una regola di base dell'addomesticamento.

Comunque sia, non sono stato solo io a insistere che, essendo già quasi le undici di sera, era forse il momento perfetto per dare da mangiare alla nostra sorella-tigre, lasciatemi usare quest'espressione, un'espressione che oscillava tra il vocabolario di San Francesco e quello di un programma umanista del mattino televisivo in cui tutti, in serie, ogni cinque minuti, soffriamo per un tizio malatissimo o vittima di un incidente naturale fulminante che ci viene presentato dal seducente schermo.

Sorella-tigre, sì, ma il fatto è che molti degli altri invitati avevano già da tempo sospeso le conversazioni su Omero per richiamare ripetutamente (come chi, senza voler disturbare, dice che in quell'angolo della casa sta divampano un incendio) l'attenzione della signora padrona di casa e di suo marito su questo avvenimento in negativo che ci pareva, alla fine, essenziale e che era il fatto che la tigre non avesse ancora man-

giato nulla, nulla di nulla; cosa che, davvero, sembrava sempre più un'ingiustizia, un'asimmetria poco gentile ed educata.

Non si trattava di essere preoccupati per noi – che preoccupazione può avere un cittadino che ha già mangiato e si trova in una città tranquilla? No, quello che ci preoccupava erano gli altri, l'Altro, il grande Altro che la filosofia, le leggi e la gentilezza hanno sempre segnalato e rispettato. L'Altro, in questo caso, con la maiuscola, era un felino terribile e ben messo. E sì, ancora non aveva mangiato nulla ed era già tardi.

Che ne so io di tigri e della maniera più scientifica di integrarle socialmente? Nulla, la verità è questa, non ne so nulla.

La cosa certa è che la tigre si è comportata impeccabilmente fino alla fine del ricevimento. Ci ha visto con occhi di digiuno, quasi santo, riempirci la pancia – con gesti piccoli ma consecutivi e resistenti – e niente, nessun gesto, nessun nervosismo apparente; paziente, ha atteso la sua carne particolare, che è arrivata a notte già inoltrata e che, appena caduta nel piatto, è stata brutalmente inghiottita, chiedo perdono per l'uso del termine, scomparendo dalla vista in un microsecondo, per la sorpresa e l'incredulità degli invitati del banchetto che in quel momento ammiravano l'appetito del felino come si ammira un'opera d'arte, un dipinto a cui si è appena tolto

il velo che l'aveva coperto tutta la notte e che ora appare per la prima volta dinanzi a noi con colori mai visti in precedenza.

«Siamo tutti europei!» ha detto qualcuno, all'improvviso, levando il bicchiere di spumante.

«Tutti!!» abbiamo gridato, sollevando i bicchieri «tutti, tutti!!»

Banchetto n° 2

IMPOSSIBILE NON NOTARLO. Perfino l'ombra, in mezzo a quella cosa uniforme e nera che si trascina per terra, sembrava sussurrare che lì stava arrivando un uomo malato. Un'ombra solida, eretta, schiena bella dritta, ossia, tutto normale benché strisciante, eppure era come se tutta l'ombra fosse bagnata di un colore giallo, un colore non umano né salubre, un colore da mortale che ormai è assai più cadavere che uomo capace di alzarsi al mattino con energia.

«Sì, ha la peste. Ma è un uomo eccellente.»

Gli invitati, chiaro, hanno fatto un cenno all'uomo da lontano; e lui è rimasto al centro della sala, come nel centro esatto di una radura.

La peste si trasmette unicamente col contatto fisico. Se la tocchi, ti prendi la malattia. Non è morte sicura, ma la tua settimana e le tue domeniche cambieranno certamente. Col-

pisce immediatamente i polmoni; respirare comincia a non sembrare un atto naturale, umano e istintivo, ma qualcosa che richiede una decisione, preceduta da una richiesta quasi formale: mi piacerebbe respirare, se le vostre eccellenze, polmoni, me lo consentono.

La peste è in effetti spiacevole. E quell'uomo aveva la peste.

Era stato invitato al banchetto e come tale c'era in questo commensale un rispetto per l'importanza e la distinzione che rappresentava l'essere lì. Quella non era una festa popolare, era un banchetto solenne e il padrone di casa non era un tipo qualunque che fosse soltanto milionario o potentissimo politicamente. Aveva i due attributi, le due qualità naturali, se così si possono designare, il potere e il denaro, ma, oltre a questo, era coltissimo.

Comunque sia, la serata era già ben avviata e in sincero movimento.

L'invitato che aveva la peste – tenuto sotto sorveglianza, dissimulata e sorridente, ma implacabile – è andato a prendere una sedia per sedersi e tutti, simbolicamente, allo stesso tempo in cui sorridevano a una distanza sicura, segnavano con una X enorme, ma, di fatto, mentale e concretamente inesistente, quella sedia – la sedia che bisognava evitare fino alla fine del simpatico banchetto.

Ma, chiaro, la peste non era l'essenziale. L'essenziale, ha detto qualcuno, si trova in alcune righe di Goethe.

Una frase che, va detto, non ha avuto un consenso generale.

Ad un tratto, tuttavia, le molteplici conversazioni degli invitati, che si erano riuniti due a due o a tre, al massimo quattro a quattro, sono state sospese.

In quel momento, infatti, entrava finalmente in sala il nostro ospite illustre (a riceverci era stata la moglie, che aveva un po' di tosse, ma era bella).

Appena il grand'uomo è entrato in sala, il mio amico che da tempo abitava nella bellissima e igienica città di Lussemburgo, mi ha mormorato all'orecchio:

«Anche lui ha la peste.»

E ha aggiunto, sempre con un tono intimo, in cui le parole percorrevano soltanto alcuni centimetri in questo spazio vuoto tra la bocca e l'orecchio:

«Guarda le pustole che già gli spuntano sulla fronte, due, tre, le vedi? Ha la peste.»

Heinrich, così si chiamava l'uomo, ha esclamato un seducendo:

«Benvenuti!»

e con un'allegria contagiosa ha teso la mano a ciascuno degli invitati che hanno contraccambiato con vigorose strette di mano e perfino con alcuni abbracci familiari. Io gli ho stretto la mano con allegria e convinzione, ringraziandolo, con un leggero inchino a corpo intero, per il simpatico invito.

«Che bella casa» gli ho detto.

Lui mi ha ringraziato per la gentilezza.

Abbiamo parlato tutta la notte di Europa, della cultura europea, delle leggi europee, della tolleranza europea, della storia europea, degli uomini europei e della loro energia, delle donne europee e della loro energia.

La simpatia di Heinrich, il nostro ospite, era contagiosa; la sua eloquenza contaminava interamente la conversazione; il modo in cui ci toccava affettuosamente la mano quando voleva la nostra estrema attenzione su una conclusione insolita, una specie di aforisma verbale che sintetizzava le discussioni di un piccolo gruppo di commensali o addirittura di tutta la tavolata, ci infettava tutti, tutti coloro che erano toccati dalla sua mano generosa, toccati con un'intimità che raramente si vede in una città così fredda come quella del Lussemburgo. Contagiati, infettati, contaminati, ci siamo congedati ormai euforici a causa del vino che era circolato abbondantemente durante la sera

tutt'intorno al nostro sistema interno, seducendoci prima fuori dal corpo, sui vassoi, e che adesso ormai imprigionavamo, non per sempre ma temporaneamente, nelle nostre circolazioni organiche. Ci siamo congedati, dunque, tutti i commensali, gli uni dagli altri, con grandi abbracci ormai familiari, ai quali non è sfuggito nemmeno il povero invitato che era rimasto, all'inizio, escluso.

«Siamo tutti europei!» dice in quel momento qualcuno, come a celebrare quel banchetto onesto, sincero, senza riserve, in cui la peste era stata finalmente accettata tra di noi, come una di noi.

«Non possiamo mai dimenticarci che la peste è europea, lo è sempre stata. Qui è nata, qui ha fatto la sua prima comparsa.»

Eh sì, noi europei siamo sempre stati così: la storia e la memoria contano.

Banchetto n° 3

SI RACCONTA che la scrittrice Clarice Lispector una volta invitò a cena vari amici, scrittori, cantanti, ecc. e che, quando questi arrivarono a casa sua, appena si furono seduti, lei, all'improvviso, propose loro:
«Parliamo della morte?»

E ne parlarono. Parlarono tutta la sera di quel tema. Alla fine della serata, si congedarono da Clarice e sì, solo per strada, là fuori, sotto il bel cielo nero e caldo del Brasile, constatarono, guardandosi l'un l'altro e sentendo un leggero richiamo dello stomaco, che non avevano cenato.

Ebbene, è stato qualcosa di simile che è accaduto.

Invitati a una cena ma senza cibo.

«Parliamo dell'Europa?»

È stata la proposta, prima di tutto il resto. Non c'erano aperitivi.

A un certo punto, l'Europa era analizzata da cima a fondo, come una rete, come una tabella di righe e colonne: non c'era pietra, animale, pianta o individuo europeo con più di sei settimane che non avesse meritato la nostra generosa attenzione e dissertazione.

A un tratto, l'una del mattino e tutti si sono zittiti. Noi, gli invitati, ci siamo guardati l'un l'altro.

Avevamo fame.

Uno sguardo complice tra due invitati che si erano concentrati sull'espressione ancora meravigliata della padrona di casa,

che suggeriva ancora di parlare della tolleranza europea nel medioevo, è stato il preannuncio di una rapida azione.

Hanno assaltato con un blitz la padrona di casa e l'hanno legata con una corda che altri commensali erano riusciti a trovare chissà dove.

Poi, all'improvviso, qualcuno ha gridato:

«Il cibo è tutto in cassaforte!»

Ed era proprio lì.

Perché qua fuori, non c'era niente. In cucina, sul tavolo di cucina, una tovaglia bellissima, bianca e verde, ma nessun alimento; nemmeno una briciola: il frigorifero era un armadio freddo e vuoto. Come guardare un parallelepipedo di ghiaccio in pieno Polo Nord. Nella dispensa c'erano libri (Storia europea, Cos'è un Europeo?) e nelle camere sarebbe stato, allora, contro ogni esigenza igienica di quella città trovare anche il più piccolo biscotto.

«Il cibo è in cassaforte!» ha gridato, allora, di nuovo qualcuno – e adesso il grido era simile a quello del 1789:

«Alla Bastiglia! Alla Bastiglia!»

Abbiamo avanzato, allora, verso la Mini-Bastiglia con tutto l'impeto e gli arnesi rivoluzionari che avevamo. Uno degli invitati sembrava già avere una ricca storia di scassinamenti di casseforti o perlomeno così sembrava. È stato lui che fra trapa-

ni e tenaglie ha fuso una parte del meccanismo della serratura e, alla fine, con l'ausilio di una piccola bomba artigianale – che, a quanto pare, un altro degli invitati teneva sempre sotto l'elegante soprabito – è riuscito a scassinare la cassaforte.

La cassaforte, che sembrava una fortezza inespugnabile, era, in effetti, piena di cibo, il più svariato, da cima a fondo. Quello che ne è seguito è stato, si direbbe, un banchetto storico. Abbiamo mangiato come da tempo otto europei invitati a cena fuori casa non osavano fare.

Banchetto n° 4

ERA L'UNICO POVERO al banchetto e questo era molto evidente, poiché stavano tutti intorno a questo tizio, tentando di aiutarlo come se i minuti successivi fossero quelli decisivi per la sua esistenza o come se davvero quel tizio non fosse un povero ma un uomo che era stato appena salvato in alto mare dopo il naufragio in una maligna tempesta e noialtri, gli invitati del banchetto, fossimo stati chiamati con urgenza a fare la respirazione bocca a bocca a un uomo rimasto troppo a lungo sott'acqua. In verità era proprio così, sembrava che gli invitati fossero dei nuotatori-salvatori in un puro spazio, solido da tutte le parti, sia al centro sia intorno, e che quel signore povero che era stato inaspettatamente invitato al banchetto (siamo tutti europei! aveva mormorato il padrone di casa) si trovasse

negli ultimi millilitri (penso che sarà questa l'unità di misura) di ossigeno che ancora lo legava alla vita.

A dire il vero, il povero aveva già dato il primo pugno a uno dei soccorritori più agguerriti, perché lì, nei momenti precedenti il banchetto, in cui i commensali, ancora in piedi, conversavano, lui era già all'ultima fase di soffocamento, data la folla di europei disponibili ad aiutarlo che gli stavano attorno. La scazzottata è cominciata, così, per un puro istinto di sopravvivenza del povero, che, all'improvviso, senza alcuna sorpresa, ha preteso di respirare, di chiedere spazio, alcuni centimetri perlomeno fra le trenta mani che vogliono fraternizzare con lui e il suo collo; insomma, quel che sembrava tutto buona volontà, trenta braccia di buona volontà e un unico povero, in poco tempo si è trasformato in un'indelicatezza che è passata direttamente agli impropri tra le due parti e alla scazzottata.

L'uomo povero ha finito per prenderle, perché, evidentemente, lì in quel contesto, lo squilibrio era palese.

C'era del sangue per terra; tuttavia, dopo essersi avvicinato e averne avuto conferma, qualcuno ha detto:

«Respira ancora»

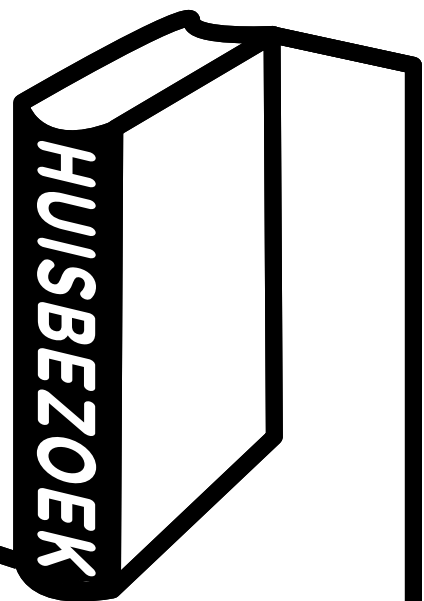
e per questo avrebbe dovuto essere ancora considerato e trattato come invitato.

Sia pure a terra, caduto, immobile, il povero continuava allora a respirare in modo umano e vivo; e se anche tutti i commensali si sono seduti e fatti avanti verso il pasto che li attendeva, non hanno smesso, va detto, di darsi pensiero di tenere una sedia vuota, nel caso in cui l'uomo si riprendesse.

A tavola, c'ero dunque io e altri quattordici uomini e donne straordinariamente interessati alla cultura europea, una sedia vuota e, a circa quattro metri dal capotavola, più o meno alle spalle del padrone di casa, un corpo caduto che non è mai stato dimenticato in nessun momento della nostra animata discussione sull'impossibilità della traduzione della poesia. Non era, del resto, per il fatto di non conoscerne il nome che smettevamo di attribuirgli importanza.

Tradotto dal portoghese da
ROBERTO MULINACCI

**Frankfurt
am Main
Luxemburg**



Vier banketten (Europa)

Banket 1

IK GA ZITTEN; naast mij de gastvrije Europeaan. Als huisdier, met zijn adem pal tegen mijn hoogstonbeschermd en beschaafde arm, een tijger; niet een van de grootste, maar toch, een tijger van zijn poten tot zijn snuit; een element dat ik altijd als buitengewoon woest heb gekend uit films, maar deze hier, verzekert de heer des huizes me op zakelijke toon, dit specifieke exemplaar, is individueel een vredelievend zoogdier.

‘Alleen in groepen zijn ze gevaarlijk...,’ zegt de heer des huizes tegen me, ‘een beetje zoals mensen,’ voegt hij eraan toe, waarna hij uitbarst in een schaterlach.

Tja, als het zo gesteld is moet je proberen te ontspannen, oftewel: het gewicht van achterwerk en hoofd en benen en romp

moet op de stoel rusten alsof dat het resultaat is van een boterzachte landing van een luchtvaartuig dat hangt aan een enorme, trage ballon, oftewel ontspannen op spierniveau, juist, zo: het hele gewicht, elk grammetje, zich geheel laten overgeven aan de bodem, ook al is die bodem tijdelijk en ligt die iets boven de zeespiegel – een stoel. En anderzijds bang zijn, want hoewel angst inwendig, op innerlijk organisch niveau, niet de ons immer vergezellende wet van de zwaartekracht opheft, voorkomt die dat het hele lichaam zich overgeeft aan rust; bang zijn is weerstand bieden, stijgen voor zover de val dat toelaat, al is het slechts innerlijk – meer spieren overeind en wakker houden dan degene die we laten inslapen. En zodoende lag er die eerste momenten tussen ontspannen en de paniek beheersen nog een zintuiglijke marathonaafstand, ook al deed de gastheer er alles aan om die ruimte, dat verschil te verkleinen. Kortom, ik was gespannen en bang.

‘Als u zich niet op uw gemak voelt met tijgers kan ik hem opsluiten in een kamer,’ zei hij voorkomend. En hij voegde eraan toe: ‘... in de kinderkamer.’

En op het moment dat mijn gastheer zegt

In de kinderkamer

meen ik in een hoekje van een paar heel sobere Frankfurtse lippen één enkel sarcastisch of, wie weet, misschien sadistisch spiertrekje te ontwaren. Hoe lees, interpreteer, maak je een

diepgaande exegese van een miniem spiertje in de grote, drukke stad Frankfurt? Wat kan een spier?, zou je kunnen vragen. Wat zegt een spier?

Ja, alles goed en wel, maar de heer des huizes leek me in wezen voor een beslissing van een Romeinse keizer te stellen: wie wordt in levensgevaar gebracht? Wie is veilig?

Want het was bijna alsof hij had gezegd: luister eens, meneer het bedaarde beest van de kouwe grond, als u zich niet op uw gemak voelt met mijn gehoorzame, bijna landbouwtamme tijger, als u zich niet ontspannen voelt, sluit ik hem op in de speelkamer van de kinderen met het risico dat, zoals bekend, altijd bestaat wanneer we tijgers en kinderen bij elkaar zetten dat er een onbegrijpelijke, onterechte ruzie ontstaat die slecht afloopt voor de kinderen en de wereldharmonie.

Ben ik ja of nee voldoende vrij van medelijden met mij onbekenden om het spel van de dag van morgen van mooie kinderen uit Frankfurt in gevaar te brengen? Mijn antwoord is *yes, sí*.

Ik bedank hem dus en antwoord slechts: 'Als dat kan, graag.' Versluisde woorden die eigenlijk een oprechte kreet lijken te vervangen die ik vermijd te slaken in zo'n sympathieke kamer

in Frankfurt; de ware kreet die ik, gezien mijn gematigdheid, uiteraard niet onthul.

'Ja, ik wil rustig eten en niet worden opgegeten!! Alstublieft, zet die tijger in de kinderkamer!! Tussen de spelende kinderen! Ik wil kunnen ontspannen!!'

Het is duidelijk dat tijgers in Frankfurt niet bijzonder populair zijn; er heerst een zeker vooroordeel tegen, zeg maar. Juist in Frankfurt, waar niettemin, zoals in de meeste Europese steden, naast pak en stropdas, goede manieren, een zorgvuldige opleiding en tolerantie, de frase *we zijn allemaal gelijk* sinds lang niet meer alleen van toepassing is op mensen maar zich uitstrekt tot dieren en planten

(de mineralen wachten nog op erkenning door het beschaafde oog)

alle dieren zijn gelijk, we moeten ze begrijpen, alle planten verdienen water en zon, we mogen niet onrechtvaardig zijn; enfin, de stad ademde de nieuwe zuurstof die in latere tijden ongetwijfeld zal worden geclassificeerd als

de zuurstof van het tweede decennium van de eenentwintigste eeuw,

die in volkse cafés nogal slordig wordt aangeduid met de naam politiek correct.

‘Uiteindelijk is een tijger een dier als alle andere. Waarin verschilt een tijger van een hond?’

Ja, stemmen we allemaal in. Wat is het verschil?

En inderdaad, ja en nog eens ja: daar zitten we, gasten voor wie beleefdheid boven de Rechten van de Mens gaat, probeerend al onze aandacht te richten op een merkwaardig dessert dat bestaat uit vruchten, ananas, perzik, een rode vrucht – communistisch fruit, zoals iemand mompelt onder van historisch relevante data zeer bewuste lachjes, als het rood is, is het een taart uit 1917 – 1917, wat een tragedie, wat een ouwe taart!

en verder uit gesmolten chocolade en toefjes gelatine-achtige crème; daar zitten we dan, proberend duizenden jaren te vergeten waarin de vraatzucht altijd moest wijken voor het loodzware primaire angstgevoel; daar zitten we dus, trachtend alle restjes vraatzucht (verrukkelijk, chocolade en crème!) ter tafel te brengen om maar niet te hoeven denken aan de adem van de tijger op twee meter afstand van ons (want in feite had het zeer welopgevoede banketgezelschap op heel democratische wijze door stemming bij handopsteken besloten dat de ene diersoort niet mocht worden uitgesloten ten voordele van de andere. En aangezien er wel een minihond rondliep die de eigenaars *Syntaxis* noemden, waarom weet ik niet, daar loopt Syntaxis!, wat is hij klein!

aangezien er dus een hond rondliep zonder enige restrictie, had ook de tijger het recht om niet te worden weggestopt in de speelkamer bij de kinderen; hij had, zeg maar, recht op organische omgang met volwassen levende wezens.)

‘Hoe heet de tijger eigenlijk?’, vraagt iemand.

‘Memorie,’ antwoordt de vrouw des huizes.

Memorie!

En ja, zonder duidelijke reden joeg die naam nog meer schrik aan dan de tanden die onmiskenbaar gemaakt waren om onoplettende en uit gebrek aan voorzorg ongewapende gasten op te peuzelen, tanden die in staat zijn om in één hap ieder wezen dat tegenspartelt en om hulp roept te verscheuren, ‘Memorie!, wat een rare naam,’ mompelt een andere gast, wat huiverig om geen gevoeligheden te kwetsen. ‘Memorie, kom hier!’ riep de vrouw des huizes, maar hij kwam niet.

‘Ja, Memorie,’ legde de heer des huizes uit alsof hij op tafel de voor de hand liggende inwendige constructie schetste van een koffiezetapparaat of een kopieermachine.

‘De tijger is een dier,’ begon de heer des huizes, ‘er bestaat een reeks studies die dat bewijzen, dat een enorm geheugen heeft; een buitengewone capaciteit om de noden van zijn volk

niet te vergeten, als ik me zo mag uitdrukken,' en hij schoot in de lach.

'Hoe bedoelt u dat?' vroeg ik geschrokken.

Dat de tijger nog niet gegeten had was, anders dan we op het eerste gezicht zouden kunnen denken, geen provocatie van de heer des huizes jegens gasten die weinig bereisd waren in het oerwoud en nog wat onwennig stonden tegenover de omgang met onvoorspelbare, woest uitzierende katachtigen; het was, legde onze gastheer enigszins plechtig uit, eenvoudigweg een vaste gewoonte, een gewoonte die volgens de verzorgers van katachtigen essentieel was om te laten zien wie de baas en wie het getemde dier was: de baas eet eerst, dat is een basisregel bij het africhten.

Hoe dan ook, ik was niet de enige die erop aandrong, het was tenslotte al elf uur 's avonds, dat het misschien een uitstekend moment was om eten te geven aan onze broeder tijger, laat me deze uitdrukking gebruiken die balanceert tussen het vocabulaire van Sint-Franciscus en dat van een humanistisch ochtendprogramma op televisie dat ons allemaal om de vijf minuten in serie mee laat lijden met iemand die ons door het verleidelijke scherm als doodziek of slachtoffer van explosief natuurgeweld wordt voorgesteld
broeder tijger, jawel, maar feit is dat veel van de andere genodigden allang de gesprekken over Homerus hadden gestaakt

om herhaaldelijk de aandacht te vragen (zoals iemand die zonder te willen storen zegt dat in een andere hoek van het huis een brand is begonnen) van de gastvrouw en haar echtgenoot voor de ongebeurtenis die ons uiteindelijk essentieel leek, namelijk dat de tijger nog niets gegeten had, helemaal niets, wat werkelijk steeds onrechtvaardiger en een minder vriendelijke en weinig beschaafde asymmetrie leek.

Het ging er niet om dat wij ons zorgen maakten over onszelf; welke zorgen zou een burger die al gegeten heeft zich moeten maken in een rustige stad? Nee, onze bezorgdheid gold de anderen, de Ander, de grote Ander, die door de filosofie, de wetten en de voorkomendheid altijd naar voren werd gehaald en gerespecteerd. De Ander, met hoofdletter, was in dit geval een angstaanjagende, forsgebouwde katachtige. En inderdaad, hij had nog niets gegeten en het was al laat.

Wat weet ik over tijgers en over de meest wetenschappelijke manier om ze sociaal te integreren? Niets, eerlijk gezegd helemaal niets.

Gezegd moet worden dat de tijger zich tot het einde van de ontvangst onberispelijk gedroeg. Met ogen die een kalm en bijna vroom vasten uitstraalden zag hij toe hoe wij ons – met kleine maar aanhoudende, snel herhaalde gebaren – volproppten, en hij gaf geen krimp of zelfs maar enig blijk van nervo-

siteit; geduldig wachtte hij op zijn eigen vlees, dat kwam toen de avond al flink gevorderd was en dat zodra het op zijn bord viel gretig werd opgeschrokt, vergeeft u mij de term, en in een microseconde voor het oog was verdwenen tot verbazing en ongeloof van de genodigden aan het banket die op dat moment de eetlust van de katachtige bewonderden als wie een kunstwerk bewondert, een schilderij waarvoor net de sluier is weggehaald die het de hele avond had bedekt en dat voor het eerst voor ons verschijnt met nooit eerder geziene kleuren.

‘We zijn allemaal Europeanen!,’ zei plotseling iemand terwijl hij zijn glas schuimwijn hief.

‘Allemaal!’ brulden we, onze glazen heffend, ‘allemaal, allemaal!’

Banket 2

HET KON NIEMAND ONTGAAN. Zelfs de schaduw leek vanuit de uniforme, donkere vlek die over de vloer sleepte te fluisteren dat zich daar een zieke man voortbewoog. Een stevige schaduw, rechtop, met een rechte rug, oftewel helemaal normaal hoewel ze kroop, maar het leek alsof de hele schaduw was gebaad in een gele kleur; een kleur die menselijk noch gezond was; een kleur van een sterveling die al meer lijk was dan een man die ’s morgens energiek opstaat. ‘Ja, hij heeft de pest. Maar het is een prima kerel.’

De genodigden maakten van een afstand natuurlijk een vriendelijk groetend gebaar naar de man; en hij bleef midden in de kamer staan, het middelpunt van een grote open plek.

De pest wordt alleen overgedragen door lichamelijk contact. Een aanraking en je hebt de ziekte te pakken. Niet dat het een zekere dood is, maar je week en je zondagen gaan er bepaald anders uitzien. Meteen worden je longen aangetast; ademhalen lijkt niet langer een natuurlijk, menselijk en instinctief proces, maar iets wat een beslissing vergt die wordt voorafgegaan door een bijna formeel verzoek: weledele longen, ik zou graag ademhalen als u mij dat wilt toestaan.

De pest is inderdaad onaangenaam. En deze man had de pest. Hij was uitgenodigd voor het banket en derhalve bestond er een inherent respect voor deze gast vanwege de importantie en eer die hij door zijn aanwezigheid genoot. Het was bepaald geen volksfeest maar een officieel banket, en de gastheer was niet zomaar iemand die miljonair of een politieke hoogmoedigheid was. Die twee hoedanigheden, die twee natuurlijke kwaliteiten, als we macht en geld zo mogen aanduiden, bezat hij – maar bovendien was hij een zeer ontwikkeld man.

Hoe dan ook, de avond was begonnen en in volle gang. De gast die de pest had pakte – onder een verhulde, glimlachende maar onverbiddelijke waakzaamheid – een stoel om te gaan zitten, en iedereen markeerde die stoel terwijl er van een veilige afstand werd geglimlacht met een enorm maar men-

taal en concreet onbestaand kruis – de stoel die moest worden vermeden tot het einde van het sympathieke banket.

Maar uiteraard was de pest niet het meest essentiële. Dat, zei iemand, was te vinden in enkele regels van Goethe.

Een opmerking die, het zij gezegd, geen algemene bijval oogste.

Ineens echter stokten de vele gesprekken van de genodigden die zich getweeën, gedrieën of hoogstens gevierden gegroepeerd hadden.

Dat was het moment waarop onze illustere gastheer de zaal betrad (we waren ontvangen door zijn echtgenote, die wat hoestte maar erg mooi was).

Zodra de grote man binnenkwam fluisterde mijn vriend die sinds lang de prachtige, hygiënische stad Luxemburg bewoonde in mijn oor: ‘Die heeft ook de pest.’

En nog steeds op intieme toon, waarbij de woorden slechts enkele centimeters aflegden in de lege ruimte tussen mond en oor, vervolgde hij: ‘Kijk maar naar die blaren die al zwellen op zijn voorhoofd, twee, drie, zie je wel? Hij heeft de pest.’

Heinrich, zo heette de man, riep ons een innemend ‘Welkom!’ toe en met een aanstekelijke vrolijkheid stak hij ieder van de gasten de hand toe, die antwoordden met stevige handdrukken en zelfs enige familiale omhelzingen. Ik schudde zijn hand met vrolijkheid en overtuiging, en bedankte met een lichte buiging voor de sympathieke uitnodiging.

‘Wat een mooi huis,’ zei ik.

Hij bedankte me voor mijn vriendelijkheid.

De hele avond praatten we over Europa, de Europese cultuur, de Europese wetten, de Europese tolerantie, de Europese geschiedenis, de Europese mannen en hun energie, de Europese vrouwen en hun energie.

De sympathie van onze gastheer Heinrich was besmettelijk; zijn welsprekendheid werkte aanstekelijk op het hele gesprek; de manier waarop hij liefdevol onze hand aanraakte wanneer hij onze uiterste aandacht vroeg voor een buitengewone conclusie, de aforistische wijze waarop hij de discussies samenvatte van een kleine groep genodigden of zelfs van de hele tafel, contamineerde ons allen, iedereen die was aangeraakt door zijn gulle hand, aangeraakt door een intimiteit die je zelden ziet in een zo koude stad als Luxemburg. Aangestoken, besmet, gecontamineerd namen we afscheid, euforisch van de wijn die al de hele avond overvloedig door ons inwendige systeem had gecirculeerd, die ons eerst buiten het lichaam, op dienbladen, had verleid en die we nu, niet voor altijd maar

voor enige tijd, vasthielden in onze organische circulatie. Alle gasten namen dus afscheid van elkaar met inmiddels familiäre omhelzingen waaraan ook de arme genodigde die aanvankelijk was uitgesloten niet ontkwam.

‘We zijn allemaal Europeanen!’ zei iemand op dat moment als om het eerlijke, oprechte banket zonder reserves te vieren waar de pest uiteindelijk onder ons aanvaard was als een van de onzen.

‘We mogen nooit vergeten dat de pest Europees is en dat altijd was. Hier is ze ontstaan en hier verscheen ze voor het eerst.’

En ja, wij Europeanen zijn altijd zo geweest: we hechten belang aan geschiedenis en herinnering.

Banket 3

ER WORDT VERTELD dat de schrijfster Clarice Lispector op een dag een aantal vrienden, schrijvers, zangers, enz, uitnodigde voor een etentje. En dat toen ze er allemaal waren, bij Clarice thuis, en goed en wel zaten, de gastvrouw ineens voorstelde: ‘Zullen we praten over de dood?’

En dat deden ze. Ze praatten de hele avond over de dood. Aan het eind van de avond namen ze afscheid van Clarice en ja, pas toen ze buiten op straat stonden onder de mooie donkere,

warme Braziliaanse hemel, stelden ze, terwijl ze elkaar met een licht rommelende maag aankeken, vast dat ze niet gegeten hadden.

Welnu, wat er gebeurde was iets dergelijks.

Uitgenodigd voor een etentje maar er was geen eten.

‘Zullen we praten over Europa?’

Dat was eerst en vooral het voorstel. Er waren geen hapjes.

Op een bepaald moment was Europa van voor tot achter geanalyseerd, als een netwerk, als een tabel met lijnen en kolommen: er was niets Europees, geen steen, dier, plant of onderdaan van meer dan zes weken oud, dat aan onze gulle aandacht en verhandelingen was ontsnapt.

Plotseling was het een uur 's morgens en iedereen zweeg. Wij, de gasten, keken elkaar aan.

We hadden honger.

Een blik van verstandhouding tussen twee van de genodigden die zich concentreerden op de nazinderende verrukte gelaatsuitdrukking van de gastvrouw, die nog voorstelde dat we het over de Europese tolerantie in de middeleeuwen zouden hebben, was het sein voor snelle actie.

Ze wierpen zich op de vrouw des huizes en bonden haar vast met een touw dat andere gasten wie weet waar hadden weten te vinden.

Daarna riep iemand ineens: ‘Al het eten staat in de kluis!’
En dat was zo.

Want daarbuiten was er niets. In de keuken, op de keukentafel, een prachtig tafellaken, groen en wit, maar niets eetbaars; nog geen kruimel: de koelkast was een koud, leeg meubelstuk. Alsof je naar een parallellepipedum van ijs midden op de noordpool keek. In de bijkeuken stonden boeken (Europese geschiedenis, Wat is een Europeaan?); en in de slaapkamers zou het tegen alle hygiënische eisen van de stad indruisen als er ook maar het kleinste kaakje te vinden was.

‘Het eten staat in de kluis!’ schreeuwde iemand opnieuw, en nu leek de kreet die uit 1789: ‘Naar de Bastille! Naar de Bastille!!’

Daarop bestormden we de Mini-Bastille met alle revolutionaire kracht en gereedschappen die we bezaten. Een van de gasten leek al een rijke geschiedenis als kluizenkraker te hebben, die indruk wakte hij tenminste. Hij was het die met boren en tangen een deel van het sluitmechanisme wist te ontmantelen en uiteindelijk, met behulp van een kleine zelfgemaakte bom – die een van de andere genodigden naar het zich liet aanzien

altijd onder zijn elegante overjas bij zich droeg – erin slaagde de kluis te openen.

De kluis, die een onneembaar fort leek, stond inderdaad vol voedsel, van onder tot boven en van boven tot onder, de meest uiteenlopende eetbaarheden. Wat volgde was zoals het heet een historisch banket. We aten zoals acht Europese genodigden voor een maaltijd buitenshuis sinds lang niet hadden gedurfd.

Banket 4

HET WAS DE ENIGE ARME gast bij het banket en dat was overduidelijk want iedereen stond om hem heen om hem te helpen alsof de volgende minuten beslissend waren voor zijn bestaan, of alsof hij in werkelijkheid geen arme drommel was maar een man die net was gered na een schipbreuk tijdens een verschrikkelijke storm op volle zee en wij, de andere genodigden voor het banket, te hulp waren geroepen om mond-op-mondbeademing toe te passen op een man die te lang onder het zeegeweld had geleden. Ja, dat was het, het leek werkelijk alsof de genodigden reddingszwemmers waren in een in het middelpunt en ook overal rondom puur solide ruimte en alsof de arme drommel

die onverwacht was uitgenodigd voor het banket (‘we zijn allemaal Europeanen!’ had de vrouw des huizes gefluisterd)

toe was aan de laatste milliliters (dat is geloof ik de meeteenheid) zuurstof die hem nog aan het leven bonden.

In feite was het de arme man die de eerste klap had uitgedeeld aan een van de meest fanatieke redders toen hij, terwijl de genodigden voorafgaand aan het banket nog stonden te converseren, bijna finaal stikte vanwege de menigte hulpvaardige Europeanen die hem omringde. De vechtpartij ontstond dus puur door het overlevingsinstinct van de arme man, die ineens, niet verwonderlijk, lucht en ruimte eiste, ten minste een paar centimeter tussen de dertig verbroederingsgrage handen en zijn hals; enfin, wat allemaal veel goede wil leek, dertig goedwillende armen en een arme stakker, veranderde snel in onbeleefdheden die binnen de kortste keren uitliepen op beledigingen en handgemeen tussen beide partijen.

De arme man kreeg een flink pak slaag omdat de overmacht in de gegeven situatie uiteraard aanzienlijk was.

Er lag wat bloed op de grond; maar iemand die naderbij kwam en de toestand verifieerde deelde mee:
‘Hij ademt nog’
en daarom diende hij verder als gast te worden beschouwd en behandeld.

Hoewel de arme drommel roerloos op de grond lag bleef hij menselijk en levend ademen; en terwijl alle genodigden gingen zitten en overgingen tot de maaltijd die hen wachtte, waren ze toch, dat moet gezegd, zo attent eraan te denken een stoel vrij te houden voor het geval de man zou herstellen.

Rond de tafel bevonden zich toen, behalve ik, de andere veertien bijzonder in de Europese cultuur geïnteresseerde mannen en vrouwen, een lege stoel, en op ongeveer vier meter van het hoofd van de tafel, achter de vrouw de huizes, een uitgevloerd lichaam dat tijdens onze geanimeerde discussie over de onvertaalbaarheid van poëzie geen moment werd vergeten. Het was trouwens niet omdat we nog steeds zijn naam niet kenden dat we nalieten verdere aandacht aan hem te besteden.

Vertaald uit het Portugees door
ARIE POS

Apêndice
Anhang
Apéndice
Appendice
Appendice
Addendum

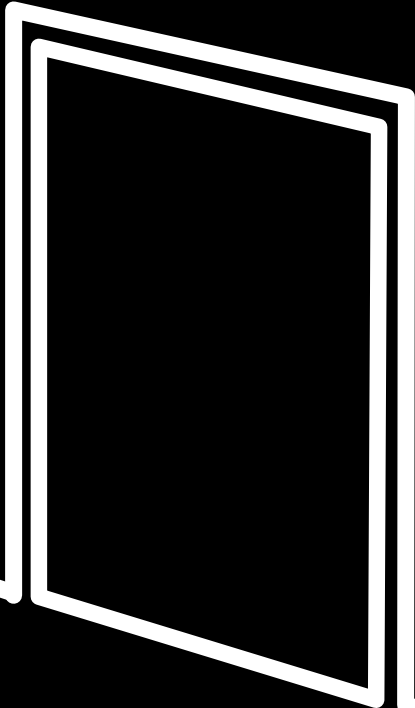




Foto: © Pauliana V. Pimentel

Gonçalo M. Tavares

GONÇALO M. TAVARES, nascido em Luanda, em 1970, é um escritor português e professor de Filosofia na Universidade de Lisboa. Desde 2001, publica romances, contos e poemas, bem como literatura para a infância e peças de teatro. As suas obras foram publicadas em mais de 50 países, tendo recebido diversos prémios. De entre os seus romances mais conhecidos contam-se *A Máquina de Joseph*

Walsler (2003) e *Jerusalém* (2004). Foi distinguido, por este último, com o Prémio José Saramago para jovens escritores, em 2005.

Além deste, obteve numerosos outros prémios, em Portugal e no estrangeiro. Entre eles, contam-se o Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, no Brasil, o Prix du meilleur livre étranger, em França (2010) e o Prix Littéraire Européen (2011).

GONÇALO M. TAVARES, 1970 in Luanda geboren, ist ein portugiesischer Schriftsteller und Professor für Philosophie an der Universität in Lissabon. Seit 2001 veröffentlicht er Romane, Erzählungen, Lyrik sowie Kinderbücher und Theaterstücke. Seine literarischen Werke erschienen in über 50 Ländern und wurden mehrfach ausgezeichnet. Zu seinen bekanntesten Romanen zählen *Joseph Walsers Maschine* (2003) und *Die Versehrten* (2005), das im Original mit *Jerusalém* betitelt ist. Für *Die Versehrten* wurde er 2005 mit dem José Saramago Preis für junge Schriftsteller ausgezeichnet. Zudem erhielt er zahlreiche Preise im In- und Ausland. Dazu gehören der Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa in Brasilien, der Prix du meilleur livre étranger in Frankreich 2010 sowie der Prix Littéraire Européen 2011.

GOZALO M. TAVARES, nacido en 1970 en Luanda, es un escritor portugués y profesor de Filosofía en la Universidad de Lisboa. Desde 2001 ha publicado novelas, cuentos y poesía, así como literatura infantil y obras de teatro. Sus obras literarias han sido publicadas en más de 50 países y han sido premiadas en distintas ocasiones. Entre sus novelas más conocidas se encuentran *La máquina de Joseph Walser* (2007) y *Jerusalén* (2009). Por *Jerusalén* recibió en 2005 el premio José Saramago para jóvenes autores.

Además obtuvo varios premios nacionales e internacionales. Entre ellos se encuentran el Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa de Brasil, el Prix du meilleur livre étranger en Francia 2010 y el Prix Littéraire Européen 2011.

GONÇALO M. TAVARES, né en 1970 à Luanda, est écrivain et professeur de philosophie à l'Université de Lisbonne. Depuis 2001, il publie des romans, des récits, des textes lyriques, des pièces de théâtre ainsi que des livres pour enfants. Ses œuvres ont été traduites dans plus de cinquante pays et ont reçu de nombreux prix. *A Máquina de Joseph Walser* (2003), paru en France en 2014 sous le titre *Un homme : Klaus Klump & La Machine de Joseph Walser* et *Jerusalém* (2005), paru en France en 2012 sous le même titre, comptent parmi ses romans les plus connus. *Jerusalém* a reçu en 2005 le Prix José Saramago, un prix attribué à de jeunes écrivains.

Gonçalo M. Tavares a également reçu de nombreuses distinctions à l'étranger : le Prix Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa au Brésil, le Prix du meilleur livre étranger en France en 2010 ainsi que le Prix Littéraire Européen en 2011.

GONÇALO M. TAVARES è nato nel 1970 a Luanda. L'autore portoghese è professore di filosofia presso l'Università di Lisbona e dal 2001 pubblica romanzi, racconti, poesie, libri per bambini e opere teatrali. Le sue opere letterarie, pluripremiate, sono state edite in più di 50 paesi. Fra i suoi romanzi più noti citiamo *A máquina de Joseph Walser* (2004) e *Jérusalem* (2005, *Gerusalemme* 2006). Anche *O senhor Calvino* (2005, *Il signor Calvino* 2007) è stato tradotto in italiano. Nel 2005 *Gerusalemme* è stato insignito con il Premio José Saramago per i giovani autori.

Ha inoltre vinto numerosi premi nel suo paese e all'estero, fra i quali il Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa in Brasile, il Prix du Meilleur Livre Etranger in Francia nel 2010 e il Prix Littéraire Européen 2011.

GONÇALO M. TAVARES, geboren 1970 in Luanda, is een Portugees schrijver en professor filosofie aan de universiteit van Lissabon. Sinds 2001 publiceert hij romans, vertellingen, poëzie, kinderboeken en theaterstukken. Zijn literaire werk verscheen in meer dan 50 landen en viel al meermaals in de prijzen. Enkele van zijn bekendste romans zijn *A Máquina de Joseph Walser* (2003) en *Jeruzalem: zwarte boeken* (2005). Voor *Jeruzalem: zwarte boeken* kreeg hij in 2005 de José Saramago-prijs voor jonge schrijvers.

Verder won hij nog tal van prijzen in binnen- en buitenland, waaronder de Prémio Telecom de Literatura em Língua Portuguesa in Brazilië, de Prijs voor het beste buitenlandse boek in Frankrijk (2010) en de Europese prijs voor literatuur 2011.

Goethe-Institut

O GOETHE-INSTITUT é o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha.

Promovemos o conhecimento da língua alemã no estrangeiro e o intercâmbio cultural internacional.

Transmitimos uma imagem abrangente da Alemanha através das informações sobre a vida cultural, social e política no nosso país. Os nossos programas culturais e educacionais promovem o diálogo intercultural e fomentam a participação cultural. Fortalecem o desenvolvimento de estruturas da sociedade civil e promovem a mobilidade global.

Com a nossa rede do Goethe-Institut, Goethe-Zentren, centros culturais, salas de leitura bem como centros de línguas e exames somos, há mais de 60 anos, o primeiro contacto de muitas pessoas com a Alemanha. A parceria de longa data com as principais instituições e indivíduos em mais de 90 países originou uma confiança duradoura no nosso país.

Somos parceiros de todos aqueles que estão ativamente interessados na Alemanha e na sua cultura e trabalham de forma independente e sem filiações político-partidárias.

DAS GOETHE-INSTITUT ist das weltweit tätige Kulturinstitut der Bundesrepublik Deutschland. Wir fördern die Kenntnis der deutschen Sprache im Ausland und pflegen die internationale kulturelle Zusammenarbeit. Wir vermitteln ein umfassendes Deutschlandbild durch Information über das kulturelle, gesellschaftliche und politische Leben in unserem Land. Unsere Kultur- und Bildungsprogramme fördern den interkulturellen Dialog und ermöglichen kulturelle Teilhabe. Sie stärken den Ausbau zivilgesellschaftlicher Strukturen und fördern weltweite Mobilität.

Mit unserem Netzwerk aus Goethe-Instituten, Goethe-Zentren, Kulturgesellschaften, Lesesälen sowie Prüfungs- und Sprachlernzentren sind wir seit über sechzig Jahren für viele Menschen der erste Kontakt mit Deutschland. Die langjährige partnerschaftliche Zusammenarbeit mit führenden Institutionen und Persönlichkeiten in über 90 Ländern schafft nachhaltiges Vertrauen in unser Land. Wir sind Partner für alle, die sich aktiv mit Deutschland und seiner Kultur beschäftigen und arbeiten eigenverantwortlich und parteipolitisch ungebunden.

EL GOETHE-INSTITUT es la institución cultural de la República Federal de Alemania en el mundo. Difundir la enseñanza del idioma alemán en el extranjero y fomentar el intercambio y la cooperación cultural internacional son sus principales objetivos. Mediante una amplia información sobre la vida cultural, social y política de Alemania, nos esforzamos por ofrecer una imagen clara e íntegra del país. Nuestros programas culturales y de formación, al fomentar el diálogo intercultural y posibilitar la participación cultural, propician el desarrollo y el fortalecimiento de estructuras sociales y organizaciones civiles, además de estimular la movilidad a nivel global.

Desde hace más de sesenta años, gracias a la tupida red que conforman las distintos sedes del Goethe-Institut, Centros Goethe, asociaciones culturales, salas de lectura y diferentes centros examinadores y de enseñanza del alemán, posibilitamos a muchas personas un primer contacto con Alemania, convirtiéndonos así en un punto de referencia. La labor conjunta que realizamos desde hace muchos años con importantes instituciones y personalidades de más de 90 países favorece y consolida la confianza depositada en nuestro país. Apoyamos dentro de nuestras posibilidades a todos aquellos que se interesan activamente por Alemania y su cultura, actuando siempre por cuenta propia y al margen de cualquier partido político.

LE GOETHE-INSTITUT est l'institut culturel de la République fédérale d'Allemagne actif au niveau mondial. Nous promovons la connaissance de la langue allemande à l'étranger et entretenons des collaborations culturelles internationales. Nous diffusons une image complète de l'Allemagne grâce aux informations sur la vie culturelle, sociale et politique de notre pays. Nos programmes culturels et éducatifs promeuvent l'échange interculturel et permettent des participations d'ordre culturel. Ils renforcent la construction des structures de la société civile et encouragent la mobilité internationale.

Grâce à notre réseau composé de Goethe-Instituts, de centres Goethe, de sociétés culturelles, de salles de lecture ainsi que de centres d'apprentissage et d'examen, nous sommes le premier contact avec l'Allemagne pour de nombreuses personnes depuis plus de soixante ans. La collaboration de longue date avec des institutions et personnalités importantes de près de 90 pays crée un climat de confiance durable dans notre pays. Nous sommes le partenaire de tous ceux qui sont en relation active avec l'Allemagne et sa culture. Nous travaillons de façon indépendante sans attache politique.

IL GOETHE-INSTITUT, l'Istituto Culturale della Repubblica Federale di Germania, ha sedi in tutto il mondo. Promuoviamo la conoscenza della lingua tedesca all'estero e la collaborazione culturale internazionale e trasmettiamo un'immagine della Germania nelle sue più diverse sfaccettature offrendo informazioni sulla vita culturale, sociale e politica del paese. I nostri programmi culturali ed educativi incentivano il dialogo interculturale, favoriscono la partecipazione in ambito culturale, potenziano le strutture della società civile ed agevolano la mobilità internazionale.

La nostra rete, costituita da sedi del Goethe-Institut, Goethe-Zentren, associazioni culturali e partner autorizzati rappresenta per molti, da oltre sessant'anni, il primo contatto con la Germania. La lunga tradizione di partenariato e collaborazioni con istituzioni e personalità di alto profilo in oltre 90 Paesi del mondo conferisce fiducia durevole nei confronti del nostro Paese. Siamo partner per eccellenza di chi si occupa della Germania e della sua cultura e operiamo con responsabilità e svincolati da partiti politici.

HET GOETHE-INSTITUT is de wereldwijd actieve culturele instelling van de Duitse Bondsrepubliek. Wij bevorderen de kennis van de Duitse taal in het buitenland en de internationale culturele samenwerking. Wij geven een compleet beeld van Duitsland aan de hand van informatie over het culturele, maatschappelijke en politieke leven in ons land. Onze cultuur- en opleidingsprogramma's bevorderen de interculturele dialoog en maken culturele participatie mogelijk. Ze ondersteunen de uitbreiding van maatschappelijke structuren en bevorderen de wereldwijde mobiliteit. Met ons netwerk van Goethe-Instituten, Goethe-centra, culturele verenigingen, leeszalen maar ook examen- en taalcentra zijn wij sinds ruim zestig jaar voor veel mensen het eerste contact met Duitsland. De jarenlange partnerschappen die wij met toonaangevende instellingen en bekende personen in ruim 90 landen onderhouden, scheppen een blijvend vertrouwen in ons land. Wij zijn een partner voor iedereen die actief met Duitsland en de Duitse cultuur bezig is en we werken onafhankelijk en los van enige partijpolitiek.

Frohmann Verlag

A EDITORA FROHMANN foi fundada em 2012 e é uma empresa unipessoal com muitas centenas de colaboradores. Tem o apelido da editora, a fim de marcar uma posição contra uma cultura editorial de *startups* que persegue uma estratégia de desinvestimento. O trabalho desenvolve-se sem investidores, a Editora Frohmann é independente.

A Editora Frohmann interessa-se pelos novos fenómenos culturais, entre eles a literatura genuinamente digital (coleção *Frohmann / oxoa*), os estudos culturais digitais (coleção *Generator*) e a prosa brevíssima (coleção *Kleine Formen* [Formas Breves]). Por outro lado, Christiane Frohmann organiza, em colaboração com Asal Dardan e Michaela Maria Müller a série de entrevistas e publicações *An einem Tisch* [À mesma Mesa].

As fronteiras entre escrita, leitura e publicação são mais fluídas na Editora Frohmann do que nas editoras clássicas – aqui orientamo-nos pela e para a *internet*. Muitos títulos são publicados exclusivamente como *e-books*, porque seria impensável imprimi-los.

A cooperação da Editora Frohmann com o Goethe-Institut, no contexto da série *Hausbesuch*, permite, pela primeira vez, disponibilizar *e-books* em seis línguas por todo o mundo, de forma rápida e economicamente acessível, um gesto importante e, em simultâneo, uma medida conducente

ao entendimento entre os povos, em tempos da criação de fronteiras cada vez mais rígidas.

DER FROHMANN VERLAG wurde im Jahr 2012 gegründet und ist ein Einpersonenunternehmen mit vielen hundert Mitwirkenden. Er trägt den Familiennamen der Verlegerin, um ein Zeichen zu setzen gegen eine Startup-Verlagskultur mit Exitstrategie. Die Arbeit geschieht investorenfrei, Frohmann ist unabhängig.

Im Frohmann Verlag werden neue kulturelle Phänomene in den Blick genommen, darunter genuin digitale Literatur (Reihe *Frohmann / oxoa*), digitale Kulturwissenschaft (Reihe *Generator*) und Kürzestprosa (Reihe *Kleine Formen*). Gemeinsam mit Asal Dardan und Michaela Maria Müller organisiert Christiane Frohmann außerdem die Gesprächs- und Publikationsreihe *An einem Tisch*. Die Grenzen zwischen Schreiben, Lesen und Publizieren fließen bei Frohmann stärker, als man es von klassischen Verlagen her kennt – hierin orientiert man sich am Netz. Viele Titel werden ausschließlich als E-Books veröffentlicht, weil sie gedruckt undenkbar wären.

Die Kooperation des Frohmann Verlages mit dem Goethe-Institut im Rahmen der *Hausbesuch*-Reihe ermöglicht es erstmals, E-Books in sechs Sprachen überall auf der Welt günstig und schnell zugänglich zu machen, eine wichtige Geste und zugleich Maßnahme der Völkerverständigung in Zeiten starrer werdender Grenzen.

LA EDITORIAL FROHMANN, fundada en 2012, es un proyecto unipersonal que cuenta con múltiples colaboradores. Bautizada con el apellido de su editora, Frohmann va a contracorriente de la cultura editorial propia de las *start-ups* con estrategia de mercado. Se trata de una editorial independiente que desempeña su tarea sin ningún vínculo de carácter inversor.

La editorial Frohmann busca promover nuevos fenómenos culturales, entre los cuales destacan la literatura genuinamente digital (colección *Frohmann / oxoa*), las ciencias culturales digitales (colección *Generator*) y la microprosa (colección *Kleine Formen*). Asimismo, Christiane Frohmann da vida, en colaboración con Asal Dardan y Michaela Maria Müller, a la colección de publicaciones y conferencias *An einem Tisch*.

En el caso de Frohmann, la frontera entre escribir, leer y publicar es mucho más fluida que en las editoriales clásicas, ya que la primera se centra principalmente en la publicación en línea. De hecho, la editorial publica muchos de sus títulos únicamente en formato digital porque una versión impresa sería inviable.

Gracias a la colaboración entre la editorial Frohmann y el Goethe-Institut en el marco de la colección *Hausbesuch*, por primera vez lectores de todo el mundo tendrán a su disposición, en un tiempo récord y a un precio asequible, un conjunto de obras en formato digital traducidas a seis idiomas,

una gran hazaña con carga simbólica que, al mismo tiempo, es muestra del buen entendimiento entre culturas en una era marcada por la rigidez creciente de las fronteras.

LA MAISON D'ÉDITION FROHMANN a été fondée en 2012. C'est une entreprise individuelle qui fait intervenir de nombreux acteurs. Elle porte le nom de famille de l'éditrice afin de se différencier des startups de l'édition portées sur les stratégies de sortie. Le travail se fait sans investisseurs. La Maison Frohmann est indépendante.

Les éditions Frohmann prennent en compte les phénomènes culturels numériques récents dans les domaines de la littérature (Série *Frohmann / oxoa*), des sciences humaines (Série *Generator*) et des formes de prose courte (Série *Kleine Formen*). En coopération avec Asal Dardan et Michaela Maria Müller, Christiane Frohmann produit également *An einem Tisch*/Autour de la table, une série d'entretiens et de publications.

Les frontières entre l'écriture, la lecture et la publication sont plus mouvantes que dans les maisons d'édition classiques. La ligne directrice, c'est le net. De nombreux titres n'existent que sous forme d'e-book et seraient impensables sous forme imprimée.

La coopération de Frohmann avec le Goethe-Institut dans le cadre de la série *Hausbesuch* a permis pour la première fois de diffuser dans le monde, rapidement et à un prix avanta-

geux, un e-book en six langues, geste important et porteur de compréhension entre les peuples à une époque où les frontières ont tendance à se refermer.

LA CASA EDITRICE FROHMANN è stata fondata nel 2012 ed è un'impresa individuale con un centinaio di collaboratori. La proprietaria ha voluto dare il suo nome di famiglia all'impresa per contrapporsi alla cultura editoriale delle startup, che fin troppo spesso adottano una strategia di uscita. Frohmann è indipendente e non si avvale del contributo di investitori.

L'editore affronta i nuovi fenomeni culturali, fra i quali la letteratura squisitamente digitale (nella collana *Frohmann / oxoa*), le scienze delle culture digitali (nella collana *Generator*) e la prosa breve e brevissima (nella collana *Kleine Formen*). Christiane Frohmann organizza inoltre la serie di colloqui e pubblicazioni *An einem Tisch* [trad. lett. Intorno allo stesso tavolo] in collaborazione con Asal Dardan e Michaela Maria Müller.

Nel caso di Frohmann Verlag i confini fra scrittura, lettura e pubblicazione sono più sfumati che presso le case editrici classiche poiché si orienta prevalentemente verso la rete: molti titoli vengono infatti esclusivamente pubblicati come libri elettronici in quanto inconcepibili in versione stampata. La cooperazione fra Frohmann Verlag e Goethe-Institut nell'ambito della serie *Hausbesuch* consente per la prima

volta di offrire un accesso ragionevole e immediato da qualsiasi parte del mondo a questi libri elettronici pubblicati in sei lingue: un gesto importante e al contempo un contributo alla comprensione fra i popoli in un periodo di inasprimento dei confini.

FROHMANN VERLAG werd opgericht in 2012 en is een eenpersoonszaak met honderden medewerkers. De uitgeverij draagt de familienaam van de uitgeefster, als statement tegen een uitgeverijcultuur van start-ups met een uitstapstrategie. De onderneming werkt zonder investeerders; Frohmann is onafhankelijk.

Frohmann Verlag heeft bijzondere interesse voor nieuwe culturele fenomenen, zoals zuivere digitale literatuur (reeks *Frohmann / oxoa*), digitale cultuurwetenschappen (reeks *Generator*) en extreem kort proza (reeks *Kleine Formen*). Samen met Asal Dardan en Michaela Maria Müller organiseert Christiane Frohmann ook de gesprekken- en publicatiereeks *An einem Tisch*.

De grenzen tussen schrijven, lezen en publiceren zijn bij Frohmann vager dan bij de meeste klassieke uitgeverijen. De activiteiten zijn sterk op het internet gericht. Veel titels worden uitsluitend als e-boek uitgegeven, omdat een gedrukte uitgave niet realistisch zou zijn.

De samenwerking tussen uitgeverij Frohmann en het Goethe-Institut in het kader van de reeks *Hausbesuch* maakt

voor het eerst e-boeken in zes talen overal ter wereld relatief goedkoop en snel toegankelijk. Dat is een belangrijk gebaar en een mooie stap in de richting van een betere verstandhouding onder volkeren, in tijden waarin de grenzen strenger bewaakt worden.

Aviso legal
Impressum
Aviso legal
Mentions légales
Colophon
Colofon

GONÇALO M. TAVARES, HAUSBESUCH. Quatro banquetes (Europa) / Vier Festmahle (Europa) / Cuatro banquetes (Europa) / Quatre banquets (Europe) / Quattro Banchetti (Europa) / Vier banketten (Europa), Reihe Hausbesuch, hg. vom Goethe-Institut, E-Book-Originalausgabe in deutscher, französischer, italienischer, niederländischer, portugiesischer und spanischer Sprache, Berlin: Frohmann Verlag 2017

frohmann.orbanism.com

© Frohmann Verlag, Christiane Frohmann, Goethe-Institut und Gonçalo M. Tavares

GESTALTUNG: Rose Apple, www.roseapple.net

ÜBERSETZUNG: Marianne Gareis, Antonio Sáez Delgado, Roberto Mulinacci, Dominique Nédellec, Arie Pos

REDAKTION: Nicolas Ehler, Marischa Weiser, Daniela Maier

LEKTORAT: Nicolas Ehler, Marischa Weiser,
Christiane Frohmann, Daniela Maier

FOTO: Pauliana V. Pimentel

HERSTELLUNG: Typearea – <http://www.typearea.de>

ISBN PDF: 978-3-947047-06-2

Das Werk, einschließlich seiner Teile, ist urheberrechtlich geschützt. Jede Verwertung ist ohne Zustimmung des Verlages und des Autors unzulässig. Dies gilt insbesondere für die elektronische oder sonstige Vervielfältigung, Übersetzung, Verbreitung und öffentliche Zugänglichmachung.

Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.